

Stadium

N.º 147 * 26 DE SETEMBRO DE 1945 * PREÇO 1\$50



O CHEFE DO ESTADO, ladeado pelos srs. Ministro da Marinha e sub-secretário da Educação Nacional, felicita o jogador Gregório, capitão do grupo de honra do ATLÉTICO, antes de lhe entregar a taça que coube ao clube na inauguração do seu novo campo de jogos na Tapadinha

NO PRÓXIMO NÚMERO DA "STADIUM" — SEPARATA A CORES COM A EQUIPA DE "BASKET" DO BELENENSE

A equipa portuguesa teria vencido igualmente a mais completa equipa espanhola do ano

O retumbante triunfo alcançado pela representação nacional de atletismo sobre a equipa de Espanha causou, como era de prever, sensação no país vizinho, onde todos — técnicos e jornalistas — procuram argumentos para lhe atenuar o significado.

Já nas apreciações escritas há uma semana declarámos que não devia tomar-se como exactamente interpretativa da diferença real de valor, entre os dois atletismos peninsulares, a disparidade verificada no campo do Lamiar. A Espanha podia reñir n'eleco mais completo e apurado de representantes, o que lhe permitia recuperar ans tantos dos pontos perdidos neste memorável encontro; mas nunca, porém, inverter posições e conquistar a vitória.

Estou convencido que aquêles dirigentes espanhóis que tal afirmaram, o fizeram por simples necessidade de cargo, como as opiniões semelhantes vindas à luz na imprensa traduzem apenas espirito de nacionalismo intransigente.

Em consciência, julgando pelos factos reais e sem fantasias sismáticas, Portugal não podia este ano perder o seu «match» de atletismo contra a Espanha; durante as duas jornadas não registámos um único resultado feliz, de acaso, ao passo que os nossos adversários beneficiaram ainda de uma vitória nos 110 metros barreiras e de um segundo lugar nos 100 metros — com os quais nunca enttecipadamente haviam contado.

Tomando como elementos de referência os resultados estabelecidos durante a época em todos os torneios oficiais dos dois países, a vantagem é francamente em prol dos portugueses. Em que basear-nos, então, para afirmar, garantir, que a vitória deveria pertencer aquêles que nunca se mostraram apetrechados para a obter?

O desporto, o atletismo sobretudo, é uma actividade concreta, onde os números que trazem tempos e distâncias não admitem jogos malabares de afirmações dogmáticas. Reconheça-se leniente que em 1945 o atletismo português é, tanto em classe absoluta como em valor relativo, superior ao espanhol; deixemos depois em suspenso, porque também é certo, que esta superioridade se traduzia por forma exagerada e pode ser posta em cheque no ano próximo.

Tenho a convicção, porém, que ao eslorço dos nossos camaradas espanhóis, para recuperarem a supremacia, corresponderá o máximo empenho dos atletas portugueses para conservarem a sua posição!

Desta luta desportiva nascerá, para os povos peninsulares, o

mais seguro estímulo de progresso.

A sentença dos números

Tenho em grande apreço as conclusões que, em problemas de apreciação relativa de resultados atléticos, nos fornece a interpretação numérica da tabela finlandesa; embora reconhecendo que é susceptível de crítica o critério de interpretação adoptado, que favorece certas modalidades, é negável que a tabela traduz um critério aniversionalmente adoptado e pelo qual se regaliam provas oficiais, como o decatlo.

Podemos, em princípio, aceitar os 800 pontos como o limite inferior de transição para a classe internacional (que não pretendo confundir com classe mundial) e fixar nos 750 pontos o mínimo de classe atlética considerável, a que poderemos chamar classe nacional.

Depois d'este preâmbulo, estudemos os números do III Portugal-Espanha.

Média geral de cada equipa:

Portugal, 743 p.; Espanha, 668 p.

Médias parciais: Corridas — Portugal, 779 p.; Espanha, 690 p. Saltos: Portugal, 762 p.; Espanha, 680 p. Lançamento: Portugal, 637 p.; Espanha, 603 p.

Dez-se d'este primeiro confronto que a nossa superioridade média se afirmou até nos lançamentos, devido à fraqueza dos segundos representantes de Espanha e ao benefício de pontuação do lançamento «record» de Manuel da Silva. Note-se, já que vai de moda falar-se nos deslizes, que nos vimos privados dos dois melhores lançadores do dardo e que Herculano se apresentou seis metros abaixo do seu alcance normal.

Apreciando os valores individuais, encontramos na lista de resultados 14 marcas valendo mais de 800 pontos, as quais são, por ordem de valor decrescente:

Luis Alcide no triplo, Manuel da Silva no martelo e Bastos nos 800 metros, todos cotados em 856 p., mas que pessoalmente classificamos pela ordem de indicação; Pons na altura, 846 p.; Peixoto nos 200 metros; Paquete nos 100 metros; a equipa portuguesa dos 4x100 metros, 843 p.; Peixoto nos 400 metros, 829 p.; João Silva nos 10.000 metros, 825 p.; Alfonso Marques na mesma corrida, 824 p.; Perez, nos 400 metros, 823 p.; Silva nos 5.000 metros, 816 p.; Vicente nos 800 metros, 811 p.; e Marques na légua, 809 p.

O rol comporta 12 citações portuguesas e 2 citações de espanhóis.

No grupo imediato, entre os 800 e os 750 p., figuram 8 portugueses e 3 espanhóis: Vieira no triplo, 798 p.; Tamegão no comprimento, 794 p.; Matos Fernandes,

Darães e Martínez na altura, 786 p.; Petinto nos 800 m., 785 p.; Bastos nos 1500 m., 782 p.; Matos Fernandes nos 400 m. barreiras, 774 p.; equipa espanhola de 4x100 m., 760 p.; Nâncio nos 200 m., 757 p.; e a equipa portuguesa dos 4x400 m., 755 p. Nas restantes marcas colocam-se: 16 ainda acima dos 700 (7 nacionais e 9 espanhóis); 20 na casa dos 600. 6 na casa dos 500 e 3 na casa dos 400 (os dois portugueses e o segundo espanhol do lançamento do dardo).

Três apreciações

O melhor corredor: Francisco Bastos, nos 800 metros.

O campeão português de meio-fundo deu a melhor afirmação da sua real classe, correndo com as pernas e com a cabeça, lutando contra a tática combinada de dois adversários, um dos quais, Blanco, procedia de modo a merecer aviso do juiz-árbitro. A autoridade dos seus trezentos metros finais, que se impôs tanto nesta corrida como nos 1500 m., é prova cabal de considerável valor, e a forma como de ambas vezes entrou na meta, sem lata nos 150 metros finais, autorizam a afirmar que não atingiu o limite das suas possibilidades. Venceu, sem dúvida, os dois melhores espanhóis da época, pois os tão citados Arxé, J. B. Adorraga e Pilerrer

não deram este ano prova de condição suficiente — e não podemos jogar com argumentos passados.

O melhor saltador: Luis Alcide Garcia, no triplo-salto.

Descera por felicidade a pista no momento de dispartar-se o triplo salto e pôde assim ver de perto a acção extraordinária d'este atleta, que conseguia ultrapassar de setenta centímetros a sua melhor marca anterior. No ensaio que estabeleceu o «record», o salto inicial foi primorosamente executado, com boa altura, e o golpe de tesoura feito com a anca, joelhos em extensão, na máxima eficácia. Lamento que não tenhamos podido medir os três saltos sucessivos.

Não recebi ainda, em revistas estrangeiras, a estatística dos resultados desta época, mas fui consultar o rol dos melhores triplo-saltadores de 1944, e apenas seis ultrapassaram os 14,50 m.: um russo, três suecos, um australiano e um dinamarquês.

O melhor lançador: Manuel da Silva, com o martelo.

Tudo corria bem na execução daquele lançamento, conjugando-se para o êxito que compensa com justiça um dos atletas mais trabalhadores e dedicados que tenho conhecido. Embora haja progredido consideravelmente, o estilo de Manuel da Silva ainda está longe da perfeição de um Herculano; por isso, não poderemos contar sempre com resultados idênticos — mas a classe ficou demonstrada. O equilíbrio durante as duas voltas no círculo é muito mais estável, mas a deslocação dos pés demasiado larga. Esplêndido arranco final de braços que, no tiro vitorioso, paxaram o martelo no ângulo preciso, para a altura óptima da trajetória. Ainda o martelo ia pelo ar e já todos sabíamos que o «record» estava batido.

SALAZAR CARREIRA

Hipismo em Ponta Delgada graças ao entusiasmo dos capitães Carvalhosa e Spinola

PONTA DELGADA, na «ilha verde» do arquipélago dos Açores, assistia ultimamente a um espectáculo inédito para o desporto insular, que alcançou êxito extraordinário, tão grande que não queremos deixar de o assinalar devidamente.

Quando o dever militar levou até ás ilhas açorianas os capitães José Carvalhosa e António Spinola, pensámos que o seu entusiasmo de cavaleiros algo deveria fazer em benefício do desporto hípico naquelas paragens, tanto mais que seguiram também para os Açores as suas montadas de desporto.

Não supusemos, todavia, que se conseguisse levar tão longe a ideia dos dois concursistas — e confessamos que nos surpreendeu a realização do I Concurso Hípico de Ponta Delgada, manifestação desportiva que levou ao hipódromo uma verdadeira multidão, tão grande que permitia reñir vinte mil escudos de receita — entregue pelos organizadores à Assistência local.

José Carvalhosa e António Spinola foram os principais pre-

paradores do certame, levado a cabo com o auxílio precioso do Comandante Militar dos Açores e de Albano de Oliveira, grande entusiasta do hipismo em S. Miguel.

Segundo notícias que recebemos directamente, o campo de S. Gonçalo oferecia aspecto agradabilíssimo. A pista estava vistosamente preparada, com magníficos obstáculos, e os lugares destinados ao público regurgitavam de gente entusiasmada, que seguiu o desenrolar do programa, cuidadosamente preparado sob o regulamento da Federação Equestre Internacional.

Formavam-no quatro provas e entre estas a «Taça de Honra», disputada em «barrages» pelos dois conhecidos concursistas, que decorreu no meio de extraordinário entusiasmo. A vitória foi conseguida pelo capitão Spinola, no «Almoarol», com 4 pontos na 2.ª «barrage», tendo o «Tete», montado pelo capitão Carvalhosa, totalizado 8 pontos em dois derribes.

O público vibrou tanto com

(Continua na página 15)

CONTA-GOTAS

Notícias e Comentários

Vai dar-se cumprimento no próximo sábado à decisão do sr. professor Caetano da Mata, illustre ministro da Educação Nacional, ordenando eleições livres na Federação de Futebol até o fim do corrente mês, no regresso à regularidade administrativa.

Em todos os sectores da bola havia o manifesto desejo de, pelo voto das Associações Distritais, se entrar em regime de vida administrativa normal.

Logo que a notícia foi tornada pública, a Associação de Futebol de Lisboa procedeu de tal modo que provocou viva reacção da Província, por efeito da qual devem ser presentes ao Congresso duas listas de Corpos Gerentes.

Para tirar efeito político, vários indivíduos têm espalhado que o forte movimento da Província, com Pôrto à frente, pretende atingir a decisão ministerial.

Tal maneio não surte efeito. A Associação do Pôrto fez sentir imediatamente ao sr. professor Caetano da Mata, que todos os desportistas viram a sua decisão com agrado, por todas as razões e ainda por elemental posição de disciplina.

De resto, a personalidade do sr. ministro da Educação Nacional está tão alta que não pode ser envolvida nestas questões da Bola.

Na Associação de Futebol de Aveiro reuniram-se no passado sábado os representantes de Associações da Província. Vários organismos, não podendo enviar delegados, mandaram telegramas.

A reunião foi proveitosa. Havendo-se trocado pontos de vista, foram escolhidos os nomes a apresentar à votação do Congresso.

Não temos conhecimento do elenco elaborado em Aveiro, na altura em que traçamos estas linhas.

Sabemos, no entanto, os dois pontos principais. Para presidente do Congresso, em representação da Associação de Braga, foi escolhido o nome do sr. dr. Alberto Cruz, deputado e médico-operador em Braga, que desfrutava de grande prestígio naquela região.

Na presidência da Direcção está o sr. Alberto de Brito, que, na orientação da Associação do Pôrto, se tem mostrado sensato e hábil orientador. Um dirigente à altura do momento.

Parece não ser a Associação de Lisboa que organiza a lista dos Corpos Gerentes que apresenta. O encargo foi confiado ao elemento indigitado para secretário da Federação.

UMA VIDA QUE DESAPARECEU!

O chamado jôgo perigoso deve ser objecto de particular atenção dos árbitros

A notícia, na sua brutal simplicidade, impressionou-nos profundamente! O futebol cortou uma vida. Um pobre moço de 22 anos, pleno de esperanças, foi ceifado por um acidente ocorrido no jôgo. Inerte e frio, não jogará mais, tendo-se sumido para sempre o grande sonho que palpitava na sua imaginação: — chegar a ser um grande jogador...

O caso veio contado nos jornais. Num encontro particular disputado em Barcelos entre o Gil Vicente e o Desportivo das Aves, Adelino Ribeiro Lôbo, o guarda-rêdes daquele grupo, atingido por um forte pontapé quando intentava uma defesa, sofreu ruptura do rim, falecendo pouco depois de dar entrada no hospital local. O seu entêrro constituiu enternecedora manifestação de sentimento.

Procurámos averiguar como se tinha dado a jogada tão infeliz que roubou uma vida e uma exuberante mocidade. Não conseguimos encontrar em qualquer jornal do norte a descrição detalhada do que nos interessava. A vítima jogava a guarda-rêdes, e o choque, forte e violento, deu-se contra um avançado. Aqui está, na luta entre o que vigia as rêdes e o que ataca,

o ponto de convergência do jôgo mais perigoso.

Atigentemente, quando a função de ataque tinha maior amplitude, os guarda-rêdes viviam num tormento permanente. De sorte que os legisladores, no respectivo código, tomaram medidas de protecção. Medidas que se impunham. Mas nem isso tem dado completo resultado. É certo que a violência do ataque diminuiu no que diz respeito ao perigo, no ponto de vista físico a que o guarda-rêdes estava submetido.

Os guarda-rêdes, porém, com uma maneira de jogar que criou fundas raízes, uma verdadeira escola por todos seguida, e de que os mergulhos aos pés dos atacantes em corrida, quando estes estão em ponto de remate ou correm ainda com a bola nos pés a caminho das balizas, são o melhor motivo de ilustração, aumentaram voluntariamente o perigo que já corriam.

Os árbitros têm, portanto, um capítulo particularmente delicado na sua difícil missão. Cumpre-lhes o castigo do avançado que faz jôgo violento e perigoso, mas também, e com não menos necessidade, a punição dos guarda-rêdes que provocam o chamado jôgo perigoso. O desporto, que dá vida, não pode roubar vidas à Humanidade. Pobre moço de Barcelos!

Começa no domingo o Campeonato de Lisboa

FINALMENTE. É no próximo domingo, depois do desperdício de quasi todo o mês de Setembro, que começa o campeonato de futebol de Lisboa, com a conhecida participação de seis clubes, Sporting, Benfica, Belenenses, Estoril, Atlético e C. U. F. O torneio é na fórmula de poule de duas voltas, despertando sempre grande entusiasmo. Concede o título de campeão de Lisboa, mas tem ainda a valorizá-lo o apuramento do contingente lisboeta (quatro representantes) para o Campeonato Nacional, que se seguirá, precisamente na mesma fórmula. A classificação do 4.º lugar é, portanto, rijamente disputada. O ultimo posto acarreta consigo a posição dramática de defender a permanência na Divisão superior do campeão da Divisão imediatamente inferior. Quere dizer: competição cheia de atractivos.

O sorteio acasou no primeiro dia da prova: Benfica-Sporting; Belenenses-Estoril; C. U. F.-Atlético.

Embora não se conheça a forma dos teams, mais ou menos com a mesma competição da época pas-

Corre que...

O Belenenses vai colocar no eixo da sua linha de ataque o avançado-centro criado na geração dos jogadores júniores. O movimento a favor da criação de jogadores começa a produzir frutos.

✦ Não sabemos se a notícia tem fundamento, mas a fonte de origem merece crédito. Parece que Joaquim Teixeira, depois de solicitar empenhadamente a sua transferência, assinou a ficha pelo Benfica. Confirmando-se isto, o caso ainda vai dar que falar.

✦ Pelo Norte, a «dança de jogadores» tem passos curiosos. Há questões no Candel, por causa de desobrigação de dois elementos: Eduardo Félix e Domingos Mota. Joaquim, do Leça, passou para o F. C. do Pôrto. Henrique, do Fósforo, Rebelo, Tôres, do Atlético, e Vieira, do Olhanense, já podem alinhar no Selgueiros, que vê consideravelmente reforçado o seu grupo de honra.

✦ A Comissão Central de Árbitros está incompleta, funcionando apenas com Jorge Vieira. É natural que se reorganize em Outubro.

sada, trata-se de uma jornada grande — que vai influenciar poderosamente todo o desenrolar da Prova.

Há resposta para tudo...

Não temos em dia esta Secção em virtude do espaço ser pouco e as perguntas muitas. Só responderemos a perguntas da Bola. Aproveitamos a oportunidade para agradecer referências que amfidadamente nos são feitas.

P. 155 — Qual é o melhor guarda-rêdes junior português actualmente?

P. 156 — Qual o melhor: Correia Dias ou Armando?

P. 157 — Qual o melhor: Jesus Correia ou Espírito Santo?

P. 158 — Qual o mais brilhante resultado internacional alcançado pelo nosso grupo nacional na época finda?

P. 159 — Qual o clube mais infeliz na época, (De um doente da bola).

R. 155 — Confessamos a nossa ignorância.

R. 156 — Correia Dias, Armando, no início da sua carreira, era uma promessa. Depois...

R. 157 — Espírito Santo é um jogador mais completo, mas Jesus Correia leva-lhe vantagem no capítulo do remate.

R. 158 — O resultado de 2-4 na Corunha.

R. 159 — Todos, a não serem aqueles que venceram, se consideram infelizes. Talvez o Atlético.

P. 160 — Qual o melhor: Albano ou José Pedro?

P. 161 — Arsénio ou António Marques?

P. 162 — Jesus Correia ou Mário Coelho?

P. 163 — Gomes da Costa ou Armando Ferreira?

(Continua na pagina 15)

V. JULGA

que sabe muito de futebol?

Responda-se é capaz...

Um grande número dos nossos leitores respondeu da seguinte maneira às perguntas formuladas no nosso número anterior.

1.º Os «steams» portugueses que se deslocaram ao Brasil foram a Seleção de Lisboa, o Vitória de Setúbal e o Sporting.

2.º António Faustino era do Carcavelinhos.

3.º Pinga é natural do Funchal.

4.º Portugal nunca venceu a Espanha.

5.º Há quatro campos de relva: o Estádio Nacional, as Salésias, o campo do Lima e a Tupadinha.

Breve, simples e acertado. Pois é verdade, meus amigos. Os leitores da STADIUM são, indiscutivelmente, grandes adeptos do jôgo...

Corrija o seu ESTILO

A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

100 — Manuel Núncio e Fernando Lourenço, da equipa nacional de 4×100 m.

Focamos o momento exacto da passagem do testemunho, que ambos os corredores prendem com a mão (1); a transmissão é clássica, entrega feita com a mão esquerda, recepção com a direita. É curioso o contraste que, sob este aspecto, oferece mais ao longe o corredor Paquete (2), o qual estende, para o companheiro que se aproxima transportando o testemunho na mão direita, o braço esquerdo. Repare-se ainda que Paquete está despistado, pois encontra-se na pista da corda, que pertence à equipa sportinguista.

Lourenço (3) recebe o testemunho em atitude correcta, com o braço à rectaguarda mas sem torsão de tronco. No entanto, tanto a máscara como a posição de pernas e braços mostram que vai insufficientemente largado, acatelando a sua velocidade pelo receio de não ser alcançado pelo camarada transmissor.

Note-se ainda a posição do pé em apoio (4), desviado sobre o bordo externo pelo esforço de corrida na curva e, talvez pela mesma influência da força centrífuga, muito afastado da corda junto à qual devia encontrar-se, para tornar possível a coincidência de planos do seu braço direito e do braço esquerdo de Núncio.

101 — Artur Dias, campeão nacional dos 400 m.

O corredor vai em plena fase de suspensão, no momento de maior abertura do compasso e da oscilação dos membros superiores. A atitude geral mostra bem o tipo do corredor enérgico, mais voluntarioso do que ágil, empregando todos os seus recursos no esforço de velocidade.

O braço da rectaguarda (1) executou um movimento amplo, cotovelo bem levantado e antebraço na vertical, para melhor e mais eficaz propulsão na fase seguinte, de deslocação para diante. Não esquecer que Dias é um corredor de muito escasso peso e que, por isso, necessita subordinar o estilo a mais intenso tributo de aceleração das alavancas superiores.

O braço avançado (2) também tem o cotovelo nitidamente à frente do plano transversal do tronco (diferença do estilo de meio-fundo e fundo) mas o ângulo de



flexão do antebraço abriu bastante, de forma a eliminar o final ascendente na trajectória do punho, que perturbaria o ritmo de progressão da corrida, dando-lhe característica saltitante.

A perna que fez a impulsão (3) conserva-se à rectaguarda, joelho um pouco flectido pelo efeito do relaxamento muscular. A perna da frente (4), cujo joelho subiu bem alto, para aproveitamento integral do comprimento da passada, deveria estar um pouco mais estendida no joelho, embora seja de presumir que até ao apoio do pé ainda diminua o ângulo de flexão.

102 — Manuel da Silva, campeão nacional

Esta fotografia vem completar o estudo que fizemos do estilo do campeão. Representa a fase mais correcta do seu lançamento, aquela que justifica os seus bons resultados com tamanhos defeitos na precedente execução. O disco vai sair da mão; o corpo assenta bem sobre o pé da frente (1), com o joelho em completa extensão, ao passo que a perna da rectaguarda (2), ainda em apoio no solo, completa a impulsão da bacia.

O tronco (3) executou a distorsão e o ombro direito subiu mais alto do que o esquerdo, puxando para trás e para baixo pelo braço aqui escondido pelo corpo.

O disco (4) sai da mão com o braço em completa extensão, o ombro mais adiantado, e no momento do afastamento lateral.

Como prova da má execução do giro no círculo repare-se na posição do pé esquerdo (5), que em vez de ter ido parar ao extremo anterior do diâmetro de lançamento, descaiu para o limite lateral, consequência do desequilíbrio do lançador para a esquerda. Manuel da Silva, em vez de percorrer no círculo um diâmetro, portanto uma linha recta, descreve um arco rectangular de abertura esquerda, que o fez percorrer apenas 90° de círculo, quando deveria terminar a 180° do ponto inicial.

Salazar Correia

CÉSAR DE MATOS



O BELENENSES

entra no 27.º ano de actividade

O popular Clube de Futebol «Os Belenenses», transposto já o seu quarto de século de vida, mostra-se pleno de actividade, honrando o pensamento d'esse grupo dedicado que um dia idealizou a existência de um clube que, ao serviço da causa desportiva, fosse um propagandista do seu bairro.

Belém e desporto — eram os motivos que os corações dos habilidosos «rapazes da praia» faziam gala em engrandecer, quando começaram a impôr com segurança a sua actividade desportiva.

Grande força de vontade demonstraram logo nos primeiros tempos todos quantos animaram a idêa da fundação do clube, prometendo a si próprios o êxito desejado, ao mesmo tempo que o seu entusiasmo recebia novas adesões. Assim, pouco a pouco, a idêa engrandeceu-se. O ideal, tomando bela realidade, consolidou-se pelos tempos fora, num conjunto magnifico de vitórias desportivas e de realizações admiráveis, perfilhando os honrosos sentimentos clubistas dos belenenses.

O Clube, alcançando agora 26 anos de actividade, só tem de se orgulhar pela sua acção em favor do engrandecimento do desporto português. O ideal sonhado por Júlio Telxeira, Manuel Veloso, Artur Pereira, Francisco Pereira e Romualdo Bogalho, com o entusiástico apoio do dr. Vergílio Paula e do engenheiro Reis Gonçalves, está realizado há muito. A obra do Belenenses é admirável, servindo com grandeza o desporto nacional, ao mesmo tempo que encontra sempre forma de fazer a propaganda de um bairro repleto de tradições: Belém — dos locais mais portugueses de Lisboa.

Neste momento o Clube de Futebol «Os Belenenses» comemora os seus 26 anos de fundação.

Todos os esforços e dedicações que há um quarto de século auxiliaram essa idêa, rodeiam ainda esta obra de desporto — que se apresenta bem forte, cada vez melhor. Porque é negável que o Belenenses está a transpor um dos seus melhores momentos. A sua existência, cheia de glória desportiva, plena de generoso trabalho, servindo o desporto sério, mostra-se sólida, no desejo de dar ao clube novas eras de prosperidade.

A história do Belenenses está larga e justamente descrita. Anda estampada nas camisolas azuis, enobrecidas pelo emblema feliz do clube — a histórica Cruz de

Cristo — está bem patente na maravilhosa sala dos trofeus, presente no espirito de todos quantos de desporto sabem alguma coisa — e sobretudo divulgada através da sua actividade, projectando intensamente o seu labor no desporto nacional pela assiduidade com que mantém a sua presença brilhante nas mais importantes modalidades.

O desejo de 1919 é hoje uma bela e valiosa afirmação, a que ficaram ligados vinte e oito nomes, tantos foram os fundadores do Belenenses que na noite de 2 de Outubro d'esse ano, no Belém Clube, reuniram em primeira assembleia geral: Artur José Pereira, Vergílio Paula, Carlos Sobral, Márlon Domingues da Fonseca, Luís Madeira, António Bernardino da Costa, António Martins, Marciano Santos, José Nunes da Silva Sanchez, Francisco Pereira, Vitor Ribeiro Bogalho, Joaquim Dias, Vitor Simas, António Lopes dos Santos, Henrique Costa, Júlio Telxeira Gomes, Manuel Martins, Artur Ribeiro, Cristovão Ribeiro Salreta, Francisco Nunes, José Pinho, José Armando Candela, Edmundo Campos, Hermenegildo Candelas, José Henriques Salreta, António Franco, Alfredo dos Santos e Joubert Diniz Pereira.

Foram estes os homens que tornaram possível o Belenenses de hoje, sucessivamente engrandecido por outros de grande prestigio, com tenente-coronel João Luis de Moura, comandantes António Maria Ribeiro e Reis Gonçalves — medalhas de ouro do Belenenses, aos quais se juntou agora Armando Filipe — e tantos outros, como Francisco Mega, e mais recentemente, mas a afirmar-se como elemento de bellissimo valor, Acácio Rosa, continuando a dedicação de José Rosa, seu pai.

A par d'estes homens, que têm sabido, com o seu prestigio e intelligente direcção, guiar o Belenenses, outros os têm rodeado em colaboração magnifica, e outros ainda são inesquecíveis, com o baluarte da popularidade que aureola o club.

Em datas como esta — e sempre — é impossível esquecer César de Matos, os saudosos Pepe, Artur José Pereira e Augusto Silva, êste recebido agora de braços abertos para a orientação técnica do «cam» de futebol.

O Belenenses, ao comemorar os seus 26 anos de existência, está firme nas suas directrizes, capaz de iniciar os seus novos projectos, especial-



ARTUR JOSÉ PEREIRA



JOSÉ MANUEL SOARES (Pepe)



mente os do campo atlético, que terão início logo as circunstâncias o permitam — tão pronto haja a certeza de que o seu campo de jogos nada sofre com o plano de urbanização que abranje os sitios do «Estádio José Manuel Soares».

Tudo está a postos. Todos estão prontos para o trabalho que o Belenenses quer continuar, recordando os nomes que deram vida ao clube e com os olhos postos em Mário Duarte, Romualdo Bugalho e Carlos Sobral; Francisco Pereira, Artur José Pereira e Arnaldo Sobral; Anibal Santos, Campos, Manuel Veloso, Alberto e Joaquim Rio, que formaram o primeiro «team» de futebol belenense, e sobretudo êsse grupo excelente de novos, êsses 119 campeões que no sábado passado receberam as suas merecidas medalhas — afirmação valiosissima da juventude que caracteriza o clube, cuja flamula acompanha com prestigio o caminhar triunfal do desporto português.

OS DESAFIOS QUE INAUGURARAM O BELO ESTÁDIO DA TAPADINHA

só num ou noutro pormenor conseguiram interessar

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

O sr. Presidente da República, acompanhado pelo sr. sub-secretário de Estado da Educação Nacional, assistiu à inauguração solene do estádio da Tapadinha. Honra inteiramente merecida! Se há iniciativas que justifiquem o aprêço, a simpatia e a viva admiração de todos, esta é uma delas. Torna-se evidente que, nos modernos tempos, o Estado não pode alhear-se do que representa uma obra de projecção desportiva e social.

Aconteceu tudo como num sonho. No *Boletim* que, a propósito, o Atlético publicou, diz-se singelamente que a ideia da transformação do campo da Tapadinha foi posta pelo sr. Joaquim Paiva e Silva em 14 de Fevereiro do ano passado, e logo aceite por unanimidade o plano das obras e a eventual compra de terreno, e um pouco mais tarde a aprovação do ante-projecto do sr. engenheiro Travassos Valdez.

Em seguida — mãos à obra. Joaquim Paiva e Silva e Joaquim Nobre, com o auxílio prático desse homem modesto e simples, rude e simpático, que se chama Alvaro Cardoso, não mais tiveram um minuto de parança, contagiando toda a gente com a sua força de vontade — escondendo os momentos de desercção e desânimo. Por vezes — faltava tudo: material e dinheiro. Tais dirigentes, porém, não desanimavam. São de aço bem temperado. O seu salutar optimismo e a certeza de pisarem terreno firme resistiram às maiores dificuldades. Aos poucos, a obra ia surgindo como que por encanto. Como que coisa de cinema! Os seus realizadores miravam-na amorosamente. A falange clubista, com os visíveis progressos da iniciativa, entregou-se igualmente à ideia, com paixão. De tudo isto, nasceu o encantador estádio da Tapadinha, belo na simplicidade e brancura da sua traça, carinhosamente tratado no conjunto e em pormenor.

A relva, de semente espanhola, proporciona um piso excelente. É de qualidade diferente das Salésias. Rodeando o campo, há degraus de cimento em toda a volta, sómente com a clareira do topo de entrada: capacidade para 25.000 pessoas. Por baixo das bancadas existem coisas que não se vêem, mas que são esplêndidas e necessárias: vestiários com duches (a caldeira para água quente já está a ser montada), amplos e convidativos, instalações sanitárias, posto médico, enfim, elevada quantidade de salas, não faltando sequer um gabinete confortável para os filhos dos associados.

O projecto está longe de conclusão. Não ser construídos ainda um campo de treinos, indispensável, piscina, ginásio, campo de «basket» e «volleyball». As

obras, e isto é que é importante não pa'am. Uma semana de repouso aos trabalhadores — bem merecem estas férias! — e a tarefa voltará ao ritmo febril que acalenta geralmente as grandes realizações.

No sábado, a direcção do Atlético recebeu centena e meia de convidados. Fê-lo sem vaidades. Devemos, mesmo, afirmar que os dirigentes se apagaram, mostrando a sua obra com despretençiosamente e procurando tirar-lhe a sua natural grandeza. Todos lá estiveram: os srs. capitão António Cardoso e dr. Ayala Boto, da Direcção Geral dos Desportos; o dr. Bepto Coelho da Rocha, da Federação; Armando Sá, da Associação; dr. Octávio de Brito, pelo Belenenses; Julio Ribeiro da Costa, pelo Benfica; Isaac Sequerra, pelo Sporting; representantes dos clubes da Segunda e Terceira Divisões; dirigentes conhecidos e desconhecidos; jornalistas, predominantemente da especialidade. Ninguém escondeu a sua satisfação: os que discursaram, e ainda os que se calaram para melhor gozarem o momento. Do cimo do último degrau a vista espraia-se por um vasto horizonte, que é, ao mesmo tempo, deslumbrante trecho da natureza. O estádio da Tapadinha — e não tenhamos receio de chamar-lhe estádio — foi plantado na Tapada da Ajuda entre verdura e flores. Não podia ser noutro sítio!

O Belenenses ia vencer... Benfica, num relâmpago, cortou-lhe e vôo!

No primeiro encontro da inauguração oficial defrontaram-se Benfica e Belenenses, um despiques futebolístico que, época a época, ganha em sabor e interesse, não só pelo mérito de ambos os *teams*, mas também pela emulação que anima as duas populações clubistas.

Sob a arbitragem do veterano Carlos Canufo, o Benfica alinhou com Rosa; Gaspar e Cerqueira; Jacinto, Moreira e César; Mário Rui, Arsénio, Espírito Santo, Teixeira 2.º e Rogério. Pelo tempo adiante, na 2.ª parte, registaram-se modificações: Martins foi ocupar o posto das rédes e Espírito Santo saiu, dando entrada a Feliz.

O Belenenses formou: Capela; Vasco e Feliciano; Sérgio I, Gomes e Serafim; Coelho, Elói, Quaresma, José Pedro e Rafael. Alinharam depois Amaro, Carlos Ferreira e Armando. A simples indicação de que houve várias substituições significa o carácter de experiência de que estes encontros se revestem para os treinadores. Os que não se limitam a ser *treinador* só no nome. Um desafio destes, aproveitado como treino, é melhor que tudo, no

capítulo da preparação técnica. Devemos anotar a influência exercida no desenvolvimento da partida pelo vento, um elemento difícil de subjugar e que coloca algumas vezes um *team* à mercê do outro.

O retrato do encontro faz-se em breves traços. O Belenenses dominou um pouco, e de modo geral, no primeiro tempo, continuando a mostrar vantagem no período do começo da segunda parte. O Belenenses chegou à posição magnífica de 3-1, parecendo que o horizonte se lhe abria em rasgos de luz. De repente, tudo mudou. Num abrir e fechar de olhos (leva mais tempo a contar do que levou a realizar), do 19.º ao 21.º minuto, isto é, em três golpes de encanto, o Benfica colocou-se em vencedor. Insistindo daí por diante no ataque, vem dar tréguas à defesa belenense. Os de Belém conseguiram, então, o empate, numa bela execução de Armando, quando o problema já parecia solucionado.

Na primeira parte, de 2-1 para o Belenenses, os *goals* foram marcados por Mário Coelho, um pontapé excelentemente colocado, aos 18 minutos; Mário Rui, em corrida-*dribling* bem aproveitada, aos 24; e Quaresma, num estupeficante remate, aos 39 minutos. No segundo tempo, aos 7 minutos, pelo extremo Rafael, batendo a bola com força; aos 19 minutos, Mário Rui, com auxílio de Feliciano; aos 20 minutos, Teixeira II, em jogada magnífica; aos 21 minutos, Espírito Santo; aos 31 minutos, o último *goal*, de Armando.

O Belenenses jogou com boa organização: um pouco plácida e sem entusiasmos. Precisão na defesa e, por vezes, rendilhados no ataque. Talvez que a inutilização de Capela, com uma brecha na cabeça que, felizmente, provocou sómente a necessidade de cinco pontos, e a sua substituição pelo jovem Sérgio II, ainda muito *verde*, tivesse influído na evolução dos acontecimentos.

O Benfica não pôs em campo grandes apuros de colocação. No entanto, o grupo revelou a sua capacidade de realização, o seu poder e a sua vontade nos momentos difíceis, que é a altura que revela os *teams* de classe. Bastou um relâmpago de jogo para tudo se transformar. São estas genialidades que fazem do Benfica uma das mais belas forças do futebol português. Benfica, 4. Belenenses, 4.

«Team» superior e de melhor remate — tem de vencer!

No segundo encontro arbitrou Mário Ribeiro Sanches. Os grupos alinharam como segue:

Atlético: Correia; Baptista e Ventura; José Lopes, Gregório e Francisco Lopes; Mical, Armindo, Conceição, Rogério e Marques.

Sporting: Azevedo; Cardoso e Manuel Marques; Juvenal, Veríssimo e Lourenço; Jesus Correia, Armando Ferreira, Sidónio, António Marques (já aprovado na inspeção médica) e Albano.

Os grupos também modifica-

ram as suas linhas. No cair do desafio, por exemplo, tomaram lugar no quadro do Sporting: José Simões, nas rédes, João Cruz e Ismael.

Dos quatro *teams*, o Atlético foi o único que apresentou *estrelas*: Correia e Rogério, vindos de fora, de fábricas que estão espalhadas da margem de lá do Tejo. Aquisições difíceis. Vale a pena o esforço despendido? Nada pode dizer-se, em consciência. As vezes, a primeira prova é negativa e fica-se com a impressão de que a matéria é boa, ou com possibilidades de vir a sê-lo quando devidamente trabalhada. Caso, por exemplo, de Rogério, forte e activo, com domínio de bola, pôsto que de evidente timidez. Os jogadores principiaes devem fazer o possível — quando têm fibra, conseguem — de jogar da mesma forma, tanto no seu ambiente como fora dele, e de se adaptarem às condições que se lhes proporciona.

A cena passou-se assim, como na cantiga do fado: um dos desfechos do Atlético iniciou a série dos *goals* na sua baliza aos 14 minutos, numa infeliz intervenção. Na primeira parte, os *leões* apenas marcaram mais uma vez — e que golpe fulgurante! — por Jesus Correia.

Mudança de campo, vento a favor do Sporting. Conclusão: mais quatro bolas conquistadas pelos seguintes jogadores e pela ordem indicada: Sidónio, Jesus Correia, Albano (de *penalty*) e de novo Albano.

A superioridade do Sporting foi manifesta: impressionante, então, no capítulo de colocação do terreno, entendimento entre as várias unidades e capacidade realizadora em frente das rédes. Neste particular deve salientar-se a actuação de Jesus Correia, que é já hoje uma figura n.º 1. Nem vemos por aí jogador em que se revele um tão aguçado sentido de *goal* (Peyroteo é um caso à parte). Como apontamento, devemos dizer que o esforço do treinador, o dr. Abrantes Mendes, no sentido de descobrir, se não uma *linha média* ideal, ao menos a melhor linha de *bakes* sportinguista, é evidente, e basta a preocupação na resolução do *grande problema* para aplaudirmos.

Do Atlético prova-nos o seguinte: não estar em *forma física* nem técnica, e não ter um *team* à altura do seu gracioso estádio. Pena! O grupo enferma de vícios que, possivelmente, custam a destruir. Sem dúvida, o Atlético realizou boas jogadas de conjunto, e não estivesse nas rédes esse extraordinário João Azevedo, com o segredo de uma elasticidade mágica e que *sabe jogar* como poucos jogadores, que o resultado seria outro — menos expressivo a favor do Sporting. Mas falta-lhe unidade no jogo, ou homens de capacidade suficiente para suprirem essa unidade. Sporting, 6-Atlético, 0.

Está dito tudo. Não podemos ser exigentes nos primeiros pontapés. Aguardemos o próximo domingo. O grande começo.

NO RESCALDO DO III PORTUGAL-ESPANHA

Uma jornada desfavorável — Esperanças perdidas... — Uma prova de muita vibração

público desportivo inclinar-se-ia, de boa mente, perante a anulação pura e simples do jogo, tanto mais que se dispunha de outro dia para a eventualidade da sua repetição.

Esqueça-se, porém, o facto. E ressalve-se o calor das manifestações a que a totalidade do público se entregou, vendo nelas simplesmente a natural reacção patriótica de uma multidão a vibrar intensamente com a beleza e o dinamismo da sua luta desportiva.

Uma jornada menos favorável para os nadadores portugueses

A segunda jornada deste Portugal-Espanha em natação — disputada à hora a que o nosso último número entrava na máquina — foi-nos menos favorável. As provas começaram com desvantagem de pontuação para a equipa nacional e, assim, os nossos nadadores viram duplicada a tarefa de tentarem a vitória das cores nacionais.

Da sua vontade de triunfar deram sobejas provas, pelo esforço com que se lançaram nas competições — reflectido nos «tempos» magníficos que se registaram e levaram ao estabelecimento de novos «records».

Nas três provas internacionais da noite havia certa confiança: da estafeta de 4x200 metros livres, que se confirmou, e ainda na de 200 metros bruços. Nesta, a vantagem esteve do lado espanhol — com absoluto merecimento, diga-se. E o III Portugal-Espanha concluiu, desta feita, com a vitória dos nossos adversários por 47-40 pontos.

As competições da noite revestiram-se de excelente categoria desportiva, tanto pela maneira como foram disputadas como pelo óptimo comportamento dos nadadores. Satisfaz colocar em relevo desportistas que sabem pôr tanto dinamismo na luta pelo triunfo. Neste aspecto, portugueses e espanhóis estabeleceram uma honrosa igualdade.

Os 400 metros livres — a prova dos «records»

A prova dos 400 metros livres foi bem disputada. O espanhol Ferry e Baptista Pereira chamaram a si o valor emotivo da corrida. Agüentaram brilhantemente a competição, que teve por momentos os quatro concorrentes em luta igual. Mas Ferry começou a impor o seu estilo impressionante e Baptista Pereira não pôde corresponder com o seu esforço, voltando a exhibir mau rumo na pista. Um pormenor se salientou também: a velocidade com que a prova se correu, embora com uma ligeira queda nos 100 metros, feitos por Ferry em 1m., 8s. e 2/10 — menos dois décimos do que Baptista Pereira.

Nas outras duas pistas, Pedro Maissen e João José Gomes animaram bem a luta que tiveram de travar. O nosso representante en-

trou também no conjunto dos bons «tempos», conseguindo um resultado que não tem sido possível, ultimamente, a outros nadadores.

A vitória de Ferry nestes 400 metros deu-lhe ainda o novo «record» de Espanha. Por seu lado, Baptista Pereira estabeleceu, com os seus 5m. e 21s., o novo «mínimo» nacional.

Esperanças perdidas nos 200 metros bruços...

Havia certas esperanças, nesta prova, para os portugueses. E com razão. Se por um lado, embora nêle se depositasse também confiança, João da Silva Marques não conseguisse dar réplica total, contava-se com Artur Mendes Silva, que ultimamente se distinguira em provas deste percurso.

Mas os espanhóis destinaram para adversário principal dos portugueses um elemento que foi uma revelação: Enrique Mordt. Bom tipo de nadador, estilista, enérgico na braçada, a cortar a água em embalagens certas e aumentando sucessivamente a vantagem adquirida.

Esta prova teve a caracterizá-la a disputa individual que a revestiu. Além da magnífica exibição de Mordt, entre Silva Marques e Mendes Silva travou-se luta animada, da qual acabou por sair vencedor o «novo»... Silva Marques ainda conseguiu manter alguma vantagem inicial, que procurou esforçadamente manter na viragem dos 100 metros. Mas era o momento de vermos o espanhol mostrar o seu valor... E a vitória pertenceu-lhe, com mérito, em 3m., 2s. e 9/10.

Uma prova de grande emoção nos 4x200 metros livres

Poucas vezes uma prova de natação se tem revestido de tão emocionantes aspectos como esta estafeta de 4x200 metros livres. Foi extraordinariamente cheia de vibração, de energia, com um final arrebatador — que deu uma vitória brilhantíssima ao conjunto português.

Deve ter sido a mais bela prova que um grupo de nadadores nacionais tem sabido animar. De cerca de cinco mil pessoas que estavam no estádio náutico de Algés, nem uma só pôde ficar insensível ao que se passou na piscina. O esforço extraordinário dos concorrentes arrebatou a multidão entusiasmada e o final vitorioso foi sublinhado pela explosão forte de aplausos intermináveis.

Jeremias Simão, Luis Lopes da Conceição, Baptista Pereira e Mário Simas compuseram a equipa nacional, a que ficámos devendo o tempo «records» de 9 m., 54 s. e 5/10.

Os nossos adversários também souberam seleccionar os seus representantes, pois estiveram na água Manolo Martinez, José Olló,

(Continua na página 15)

O III Portugal-Espanha de natação, disputado na piscina do Sport Algés e Dafundo, constituiu um espectáculo magnífico da modalidade, mesmo sem esquecer os reparos de que pode ser objecto e que merecem uma referência — aliás para bem dos encontros desportivos entre os representantes das duas nações peninsulares.

Na realidade, este «match» de natação entre portugueses e espanhóis teve fases magníficas, vibrantes de emoção, daquelas em que, de resto, a luta desportiva é fértil.

Crêmos, no entanto, e assim o desejamos, que aqueles momentos menos reflectidos de uns, ou demasiado entusiasmados de outros, nenhum ressentimento deixaram. Não têm outro significado que não seja o produto do calor que estas pugnas animadas provocam — e não podem trazer prejuízo para o futuro desenrolar de novos encontros desportivos luso-espanhóis.

Como referimos em anterior crónica, o encontro de «water-polo» deu margem a reparos. Se o abandono da luta por parte dos nadadores espanhóis ocasionou a nota chocante das duas jornadas, também a opinião pública é unânime em concordar que não se justificava agora que a Federação Portuguesa de Natação acordasse

com a sua congénere do país vizinho num jogo de «water-polo» — modalidade da qual andamos afastados, pois só o Sport Algés e Dafundo mantém a respectiva secção com a persistência de sempre.

E inegável que o nosso «sete» defendeu, na piscina do Algés, com brio e desportivismo, o honroso encargo que lhe confiaram. O «élan» que pôs na luta permite mesmo aceitar a possibilidade da vitória se o jogo prosseguisse até final.

A resolução que motivou a sua suspensão foi tocada de nervosismo e filiada num juízo errado dos factos. Teve tanto de inesperada como de injustificada. E depois, todos estamos concordes, não foi melhor a decisão que galardou com a vitória precisamente o «team» que abandonou a luta. O reparo geral que se levantou justifica-se por ser contrário ao preceituado em tôdas as leis e regulamentos pelos quais se regem estes casos. No desejo de ser agradável aos nossos visitantes, o

INICIATIVAS DA «STADIUM»

OS CONCURSOS DE COMPOSIÇÃO E SOLUÇÃO DE PROBLEMAS DE XADREZ

DESPERTARAM O MAIOR INTERESSE NOS MEIOS DA ESPECIALIDADE

DESPERTO singular interesse nos meios especializados a nossa iniciativa, tendente a impulsionar a actividade problemística do Xadrez nacional. O Concurso de Composição, principalmente, atraiu as atenções gerais. Trata-se, com efeito, de uma faceta interessantíssima, a que se liga grande importância, ante um problema que urge solução: a falta de compositores portugueses.

A escassez de produção problemística é um pormenor que deixou já de preocupar os xadrezistas do país vizinho. No nosso — está sendo lentamente debelada.

A falta de Concursos é o motivo desta apatia, tanto mais que é notório o aparecimento de muitos novos, que se salientam já pela habilidade e força de vontade que possuem.

O nosso concurso é, segundo cremos, o sétimo que se realiza em Portugal. E é o primeiro temático, se exceptuarmos os dois organizados pela Revista Portuguesa de Xadrez, a que sómente concorreram autores estrangeiros.

O tema escolhido — dupla despreagem e promoção diferente de um Peão Branco — afigurava-se-nos absolutamente acessível aos novos problemistas, pouco experientes neste género de competição. Todavia, os mais experimentados e os Mestres podem aplicar vantajosamente a força da sua imaginação e técnica superior, desenvolvendo o estudo com a combinação de temas.

A originalidade do tema proposto é pormenor de menos importância, dado o conhecimento geral do esgotamento de idéias temáticas no capital, bastante explorado, da despreagem, intercepção negra e promoção.

Não obstante, e a título de curiosidade, convidamos os nossos leitores, que porventura conheçam algum problema em que se desenvolva o tema exigido, a enviar-nos esse trabalho, ao qual gostosamente faremos referência.

Aos solucionistas lembramos a base do regulamento referente à indicação das variantes temáticas, que é absolutamente necessária para o efeito da contagem de pontos. A falta de cumprimento desta regra acarreta perda de um ponto, isto é, a pena aplicada para o caso de erros e falsas soluções.

Este aditamento será publicado oportunamente, nam dos próximos números, ao inserirmos mais uma vez o regulamento de Pontuação.

Foi designado para juiz do Concurso de Solução o nosso colaborador sr. Vesco Casimiro dos Santos, a quem compete a resolução de todos os casos omissos dos dois Concursos.

Para julgar e classificar as produções, foi convidada uma individualidade de categoria no Xadrez espanhol.

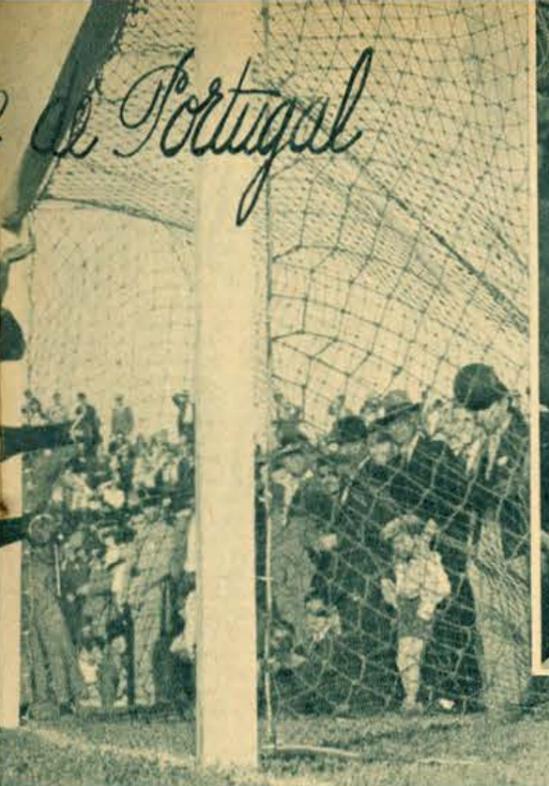


A entrada do tubo simbólico no novo estádio da Tapadinha

O ATLÉTICO Clube de Portugal inaugurou o Estádio da TAPADINHA



Após a festa com o Correto e o campeão marcado por Almeida Leiva a bola a celebrar-se a festa



O venerando Chefe do Estado assiste a alocução do representante da juventude alentejana

Situação pouco confortável para o guarda-redes do Atlético, que ocasionou o "penalty" a favor do Sporting, por mão de Baptista



O substituto de Capela defendendo um remate de Arsenio



Mário Coelho, o jogador que marcou o 1.º gol no novo campo



Daiva e Silva rodeado de dirigentes de diversas matizes...

Uma cerimónia de bom pronunciado: o Atlético recebeu, na cerimónia de inauguração do seu novo campo, a taça "O Seculo", conquistada no campeonato de 1.ª Divisão Nacional



A respeitável equipa do Atlético que jogou no seu novo campo



Feliciano antecipa-se ao seu guarda-redes e espela a bola. Feliz observa...



Num ataque à baliza belenense, Mário Rui remata de cabeça. A bola está junto à travessa



A visita de jornalistas e dirigentes, no sábado, para apreciarem a bela obra do Atlético



Conceição, lança-se na luta com Cardoso

MOSAICOS nortenhos...

CHAMARAM a nossa atenção para certa referência, que se presume querer atingir-nos. Sappõe o autor que lhe foi dedicada qualquer local nesta revista. Está enganado. Nem tivemos o prazer de lhe consultar a prosa, nem temos tempo e feitiço para lhe discutir as qualidades de jornalista. Esteja descansado...

♦ CONFIRMAMOS a notícia dada num dos últimos números da *Stadium*: por uma carta recebida nesta cidade, sabe-se que o vice-presidente da direcção da Federação Portuguesa de Handball já apresentou o seu pedido de demissão. Declarou, entretanto, que estava solidário com os seus restantes colegas.

Manter-se-á apenas até á realização do congresso extraordinário, e isto por estar encarregado da elaboração de alterações nos estatutos e regulamentos—que as Associações devem apreciar brevemente.

♦ FOI ELEITA a nova direcção da Associação de Ciclismo do Norte. Ninguém do F. C. do Porto nos corpos gerentes. Santo Deus! O que seria de certas modalidades se o popular clube nortenho as não animasse!...

Será pena se não houver quem possa corrigir com mão imparcial e serena, estes e outros desmandos de baixa política desportiva.

♦ AFINAL precisará o F. C. do Porto de se mostrar aborrecido com a sua exclusão de algumas gerências associativas? Parece-nos bem que não. Deve «sentir» a atitude. Isso sim. Esta ficará para demonstração de quanto vale o direito de negar um trabalho porfiado e seguro... Para o resto—só o campo de luta!

Também é oportuno escrever que se tem feito tudo para afastar o Sangalhos do convívio da Associação de Ciclismo do Norte. O clube bairradino sentia-o agora mais uma vez...

♦ CRITICAREMOS sempre, nesta secção, os actos desportivos que provocam reparos. Não o faremos com maldade. Crítica severa—quando fôr necessário. Ninguém será poupado, mas a ninguém dedicaremos palavras que não se possam ler e ouvir. Nem outra coisa é de admitir numa revista com a orientação e directrizes da *Stadium*.

♦ ONOFRE TAVARES não pôde disputar o campeonato nacional de ciclismo na sua antiga categoria de amador-senior. Lamentamos que assim suceda—mas a lei federativa não lho permitia. É justo. O simpático e valoroso «azul-branco», na sua nova categoria de independente, poderá recapturar o perdido, em futuros anos. É muito novo. Se a sua preparação fôr cuidada e bem dirigida, como é, por Aniceto Bruno, muito haverá a esperar de si.

Alvorôço no «handball»...

A NDA alvoroçado o «handball» portuense. Qualquer lapso ou má interpretação dos regulamentos forçaram a F. P. II. a determinar a entrada do Leça Futebol Clube na Divisão de Honra, por má inscrição de um jogador do Sport Comércio e Salgueiros, e o facto provocou já uma assembléia geral, onde foi aprovada certa nota de censura a tudo quanto está para cima dos clubes que assistiram à reunião.

Falta serenidade a muita gente de suposta posição desportiva, e daí ter-se colocado o assunto num pé de discussão estéril e difícil. Nem o merece o «handball», nem por certo o direito do clube ou clubes, a acção do regulamento ou leis desportivas—e a função de crítica séria, desapaixonada e imparcial. Nem, claro está, a tarefa dedicada, e com certeza correcta, de quem dirija sem sombra de propositada maldade.

Considerada a razão de todos, devem procurar-se soluções que não perturbem ambientes—como tem sucedido. Há pessoas á cata de popularidade e tudo fazem para a conseguir. Ou se colocam no bico dos pés, ou batem as palmas com estrondosa violência. É uma questão de génio... Porém, de sereno pensar, de virtude desportiva ou de projectos que solucionem incidentes—nada se vê. Tudo se confunde no mar de raivosas apreciações e tudo gira lido por langedores com estranha fibra de senhores incontrariáveis.

Às vezes, tudo isto é extraordinariamente cómico... Não se repara na figura de opereta ou no grotesco de atitudes dos que se julgam competentes—e o pobre do desporto aí fica, maltratado pela virulência de uns tantos senhores, catedráticos, insensíveis às suas necessidades, aos seus desejos de progresso... e de supuração...

ATLETISMO

A necessidade da criação de uma «escola de juizes»

PARECE-NOS conveniente abordar o problema dos «juizes» das provas de atletismo, observando-o através dos ensinamentos que colhemos no decorrer da presente temporada.

A primeira conclusão a que chegámos é que o atletismo português não pode continuar a ser orientado tècnicamente, nos seus programas, pelo primeiro desportista que, mercê do voto associativo, subiu um dia às cadeiras directivas. Melhor: o nosso atletismo—como o futebol, o «handball» e tantas outras modalidades—precisa de dispor de um núcleo de orientadores tècnicos, aptos a daram aos programas a seqüência necessária, como também capazes para abonarem em absoluto a «verdade» dos resultados tècnicos. Independente desse núcleo—cuja criação se impõe—lá estarão os elementos directivos, que não precisam de ser tècnicos profundos—como o não são os dirigentes da Federação ou das Associações de Futebol.

Temos verificado isto: mercê do prestígio ou das qualidades pessoais, um indivíduo aparece como presidente de uma associação de atletismo—modalidade que só conhece através de meia dúzia de sessões a que assistiu. Mas como é o «presidente», não há que hesitar: essa pessoa só pode ser o presidente ou o juiz-árbitro de uma sessão atlética—missões delicadas e da máxima responsabilidade.

Mais ou menos o que teria de se dar amanhã no futebol, se este desporto estivesse nas mesmas

condições: só o presidente da associação poderia e deveria arbitrar os respectivos encontros, particulares ou oficiais...

Parece-nos que o problema se apresenta com tanta clareza que o leitor não terá dificuldade em encontrar a razão que nos assiste neste pleito, pelo qual nos bate-mos há muito.

Mas há mais inconvenientes nos processos actualmente usados para compor os júris: o secretário da direcção julga-se indicado para o secretário do júri, como se entre os dois cargos existisse qualquer analogia, e o tesoureiro quer ser, pelo menos, juiz de chegada ou de concursos...

Resultado de tudo isto: a maior parte das vezes, os poucos elementos que restam á altura da sua missão—«acorrentam-se» pelas inevitáveis deficiências de um júri assim formado, ou tentam reagir e perdem tempo precioso a discutir e a ensinar.

Temos ainda a necessidade de treino de cada juiz—e aquêlo só poderá fazer-se desde que exista uma «escola de preparação e divulgação», devidamente organizada.

Resumindo: o atletismo português—sobretudo numa altura feliz como esta, em que vive francamente progressivo—tem necessidade absoluta da criação de uma «escola de juizes», capaz de lhe dar a «verdade» no decorrer das suas organizações.

Tem a palavra a Federação.

EDUARDO SOARES

UM acidente brutal, quasi inédito nos annos do futebol nacional, derrubou um atleta em pleno campo, num simples jôgo de amizade, entre dois clubes de regiões diferentes. Foi um acidente próprio do «élan» do jogador que defende, que uniformemente não mede as consequências do seu arrôjo, antes se lança irreflectidamente na tentativa de manter intacta a sua posição.

Não há que tecer comentários ao facto em si. Só para o lamentar. Repugna-nos acreditar—para onde iríamos se assim não fosse?—que tivesse havido qualquer outra razão, senão a do próprio jôgo. Um lance terrivelmente infeliz arrebatou um jogador ao seu clube.

Mas há outro aspecto deste acidente que tem de ser apreciado: o da realização prática do objectivo que tantas vezes tem sido debatido—o do seguro obrigatório para todo o desportista praticante seja em que modalidade fôr.

É certo que já há colectividades que têm tido a prudência de segurarem os seus atletas, para treinos ou jogos, mas essa medida tem sido somente tomada por clubes de categoria definida, com determinadas possibilidades financeiras. Os outros não podem fazer-lo ou não o têm feito por questão de desinteresse.

Este caso, porém, traz novamente ao de cima o problema, para o qual é preciso urgentemente encontrar uma solução. Exige-o o bom nome do desporto, os interesses dos praticantes, tantas vezes inutilizados por períodos mais ou menos longos em accidentes desastrosos, embora sem as consequências deste último.

Não disseram as notícias—até ao momento em que escrevemos—quais as condições sociais em que vivia o falecido guarda-rêdes do Gil Vicente.

Seja como fôr, e seja quem fôr' há que solucionar este ingente problema. E o mais cedo possível, antes que o esquecimento venha a atirar para o passado este lamentável acidente.—M. A.

De oito em oito dias

O Norte de parabéns...

De cada vez que os representantes de aquêem Mondego, em qualquer modalidade desportiva, cumprem cabalmente o seu dever, arrancando para as suas terras e regiões triunfos que ficam a demarcar posições, o jornalista, que estima a todos em geral, não deixa de sentir júbilo por essas vitórias.

Desta vez, ufana-se em verificar que o Norte levou de vencida o Sul em ciclismo, e que em atletismo, nas recentes provas do Portugal-Espanha, fez o que pôde para provar que na sua região há atletas valorosos. De agradecer a acção desenvolvida pelo público da capital, no carinho demonstrado a Sampaio Peixoto.

É esta nossa satisfação justificase por, de cada vez que o Norte triunfa, há no Sul um movimento acentuado de predominar, vencendo o seu rival de cá de cima; isto só conduz o desporto a uma perfeição que terá de ser obtida,

VOLTA á baila o futebol beirão. Depois de muitos projectos, alguns arrojadados, outros tímidos, defendeu o ilustre técnico Ribeiro dos Reis a criação das zonas Norte e Sul, onde seriam enquadrados diversos clubes: Academico, Lisboa e Viseu, Vouzela e Mangualde; Tondela, Santa Comba Dão, Besteiros, Nandufe e Mortagua — isto é, 10 agrupamentos. Mas, segundo se sabe, Vouzela, Mangualde, Santa Comba Dão, Besteiros, Nandufe e Mortagua não querem concorrer. Não concorrem, mesmo...

Lamentemos, desde já, a ausência destas colectividades. Em principio — sim. Mas devem existir motivos. Parece-nos ser preciso, primeiro, regulamentar convenientemente o futebol beirão. Tudo nesta provincia da Beira Alta tem corrido mal, como reconhecem dirigentes da linda cidade de Viriato, e talvez residam nestas ou noutras dificuldades as pequenas «questões» que atingem os centros do distrito.

Por isso, faldou mais uma vez a composição advogada pelo major Ribeiro dos Reis, no seu jornal. E é pena. O futebol beirão precisava de ser cuidadosamente tratado, visto que não conseguiu ainda impor-se. Estamos em presença de um problema, difícil á primeira vista, mas de solução relativamente fácil.

Só será preciso que todos os visenhenses e todos os beirões trabalhem sem a idéia de ganhar uma taça ou um campeonato. Que «organizem» — antes de mais nada. Que «disciplinem» — sem olhar a interesses de qual natureza. Todos os clubes com os mesmos direitos. Doutrina sôbre doutrina, sem poupar atletas da cidade ou de fora, sem desculpar os dirigentes que prevariarem. Representação legal a todos os clubes. De contrário — este futebol da Beira Alta continuará como até aqui...

para que as nossas possibilidades se evidenciem cada vez mais...

O Boavista trabalha bem...

O clube do Bessa, de tradições gloriosas na nossa terra, está levando a efeito uma série de palestras destinadas aos seus atletas, palestras essas que são promovidas pelas secções «Disciplinar, Recreativa e Social».

A primeira assistiu o «estado maior» do desporto portuense, vendo-se representadas muitas associações distritais.

No F. C. do Pôrto trabalha-se também...

Aquêlê gabinete da direcção do F. C. do Pôrto tem, para nós, no momento que passa, o mesmo aspecto da esfinge, cujo segredo Oedipo devassou... após largo estudo...

O jornalista fez-se anunciar pelo «velho» Antunes, é recebido cordialmente pelos directores, senta-se, conversa, escuta umas lições de técnica de futebol, apura o ouvido, está atento ao que se passa, a ver se colhe uma indicação, um indício, qualquer coisa que lhe permita

O Ribatejo também cumpre...

O Ribatejo, afinal, não é só uma terra de belezas, de boas lezírias e de bons cavaleiros. Também fabrica desportistas. E bons nadadores, principalmente. Ainda há poucos dias, para o encontro Portugal-Espanha, tanto em Barcelona como em Algés, pudemos assistir a boas exhibições de Baptista Pereira, um «internacional» de reconhecido valor. E, em épocas pouco distantes, a boas provas de Jorge de Carvalho.

Isto mostra que temos defendido boa doutrina. A provincia, ou, melhor dizendo, os centros mais modestos, também podem contribuir para que o desporto se imponha. Alhandra, simpática, ribatejana até mais não, tem trabalhado para que as mais variadas modalidades vinguem. O Alhandra Sporting Clube e a Fábrica de Cimento Tejo, onde inúmeros operários se dedicam ao futebol, ao «basket», aos desportos náuticos, ao atletismo, ao ciclismo e ao «tennis» de mesa, seguem com todo o cuidado a evolução do Desporto.

Triunfa, neste caso, o nosso propósito. Nem só nos centros populosos se pode trabalhar com utilidade. Alhandra viu eleger um dos seus atletas e Portugal orgulha-se dessa escolha. Oxalá se continue a trabalhar. Alhandra deu o seu nome para uma competição «internacional», como já o haviam dado Aveiro e Caminha, por intermédio dos seus admiráveis grupos de remo. A provincia também conta. E Stadium muito se salisfaz com isso.

SINTRA vai ter um «rink» que ficará sendo o melhor do País

EM Dezembro último, numa entrevista que nos foi concedida pelo sr. Manuel Cunha, presidente do Hockey Clube de Sintra, focámos a história breve, mas já interessante, de uma colectividade que em quatro anos de laboriosa existência alcançou o primeiro plano do «hockey» patinado. A certa altura falou-se da imperiosa necessidade que representava para o desenvolvimento do desporto local a construção de um «rink» de patinagem que reunisse os requisitos indispensáveis para o progresso da modalidade e que, no respeitante a acomodações do público, pudesse comportar, em boas con-

dições, a massa associativa do Hockey Clube e todos aquêles que na bela e aprazível Sintra se interessam pelo «hockey» em patins.

Stadium deu, como não podia deixar de ser, o melhor relêvo às palavras de Manuel Cunha, que representavam, aliás, o eco unânime da opinião dos desportistas locais.

Foi, pois, com o maior interesse que tivemos conhecimento da recente resolução do município sintrense — a que preside o sr. engenheiro Carlos Santos — de incluir no seu plano de obras para 1946 o alargamento do «rink» de patinagem e a construção de bancadas, visto as acomodações actuais — conforme se expunha na referida entrevista — já não satisfazem as exigências do público, cada vez mais numeroso.

O Norte-Sul em «hockey» em patins

Mais nos informam que depois dos importantes melhoramentos a introduzir no «rink», e ainda dada a sua bela situação, ficará sendo o melhor do País.

Os desportistas sintrenses verão, assim, graças à acção do município local, realizada a sua mais justa e urgente aspiração.

Stadium regista o facto, felicitando a Câmara de Sintra por tão útil empreendimento.

Os arrajais da modalidade embandeiraram em arco, mercê do triunfo obtido pelo agrupado nortenho, no encontro últimamente realizado no Palácio de Cristal, em «rink» de madeira.

Dizem que os nossos seleccionados venceram brilhantemente. Dizem que a equipa do sul não revelou o poder costumado, deixando-se enlevar pelo conjunto de cá. Dizem que ambas as equipas estranharam o piso, em especial os sudistas. E dizem muitas coisas mais... Temos pena de não poder confirmar estes «dizem»... porque fomos «esquecidos» pela entidade competente...

dições, a massa associativa do Hockey Clube e todos aquêles que na bela e aprazível Sintra se interessam pelo «hockey» em patins.

Stadium deu, como não podia deixar de ser, o melhor relêvo às palavras de Manuel Cunha, que representavam, aliás, o eco unânime da opinião dos desportistas locais.

Foi, pois, com o maior interesse que tivemos conhecimento da recente resolução do município sintrense — a que preside o sr. engenheiro Carlos Santos — de incluir no seu plano de obras para 1946 o alargamento do «rink» de patinagem e a construção de bancadas, visto as acomodações actuais — conforme se expunha na referida entrevista — já não satisfazem as exigências do público, cada vez mais numeroso.

Mais nos informam que depois dos importantes melhoramentos a introduzir no «rink», e ainda dada a sua bela situação, ficará sendo o melhor do País.

Os desportistas sintrenses verão, assim, graças à acção do município local, realizada a sua mais justa e urgente aspiração.

Stadium regista o facto, felicitando a Câmara de Sintra por tão útil empreendimento.

Um novo campo de futebol inaugurado há dias na provincia

Em Caneiro (Oliveira do Bairro) inaugurou-se há dias um novo campo de futebol. Jogaram o Marmarrona F. C. e o Recreio Desportivo de Agueda, que empataram 6-6, em disputa da taça «N. S. das Dores». O desempate deve efectuar-se brevemente e é aguardado com o maior interesse na região — como de muito interesse se revestiu a festa inaugural, que teve a presença-la assistência numerosa.

Notas e novidades

que interessam à provincia

CAMPO DE BESTEIROS — Um grupo lisboeta, embora formado por elementos modestos, exhibiu-se nesta vila contra o Besteiros F. C., mas veio a perder o desafio de futebol por 5-1. O jogo foi dirigido pelo nosso camarada de redacção Rodrigues Teles, que acidentalmente se encontra aqui, em gôzo de férias. Lamenta-se que o Besteiros F. C., com bom grupo, não queira concorrer ao campeonato de Viseu.

LUSO — Nas provas de «tennis» a contar para o campeonato local, verificaram-se os seguintes resultados: Romanoni-José Roquete, 6-4, 7-5 e 6-5, em «singulares»; Roquete-Paggy contra Azevedo Gomes-Maria José da Silva, 6-4 e 6-2. Romanoni ganhou a «Taça Ernesto Navarro» e Roquete a «Taça Junta de Turismo».

SANGALHOS — Causou geral desagrado, nesta vila, o facto de não ter sido eleito qualquer associado do Desportivo para os corpos gerentes da Associação de Ciclismo do Norte. Segundo consta, o Sangalhos desinteressar-se-á do ciclismo nortenho, passando a colaborar apenas com a Associação do Sul.

SANTA MARTA DE PENAGUIÃO — Na «Festa das Colheitas», com organização a cargo do «Rancho das Lavradeiras», vai efectuar-se uma prova de tiro aos pombos, para disputa dos troféus «Festa das Colheitas» e «Atiradores de Viana».

TONDELA — O campeonato de Viseu vai recomeçar, com o jogo Desportivo — Sporting de Lamego. Devem concorrer apenas as equipas do S. L. Viseu, Academico, Tondela e Lamego. Falhou, por isso, uma projectada divisão em duas zonas — Norte e Sul.

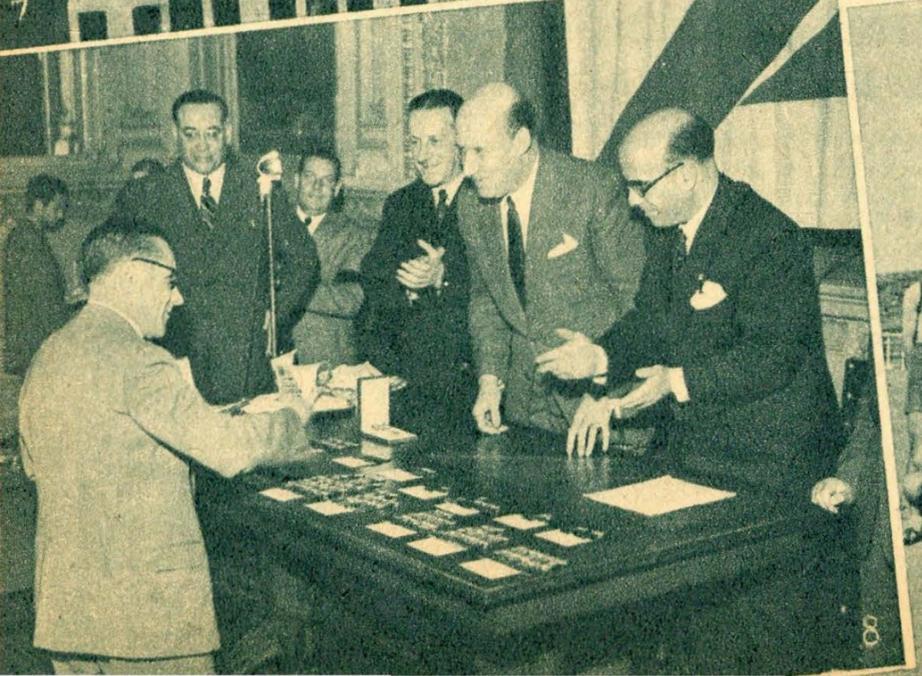
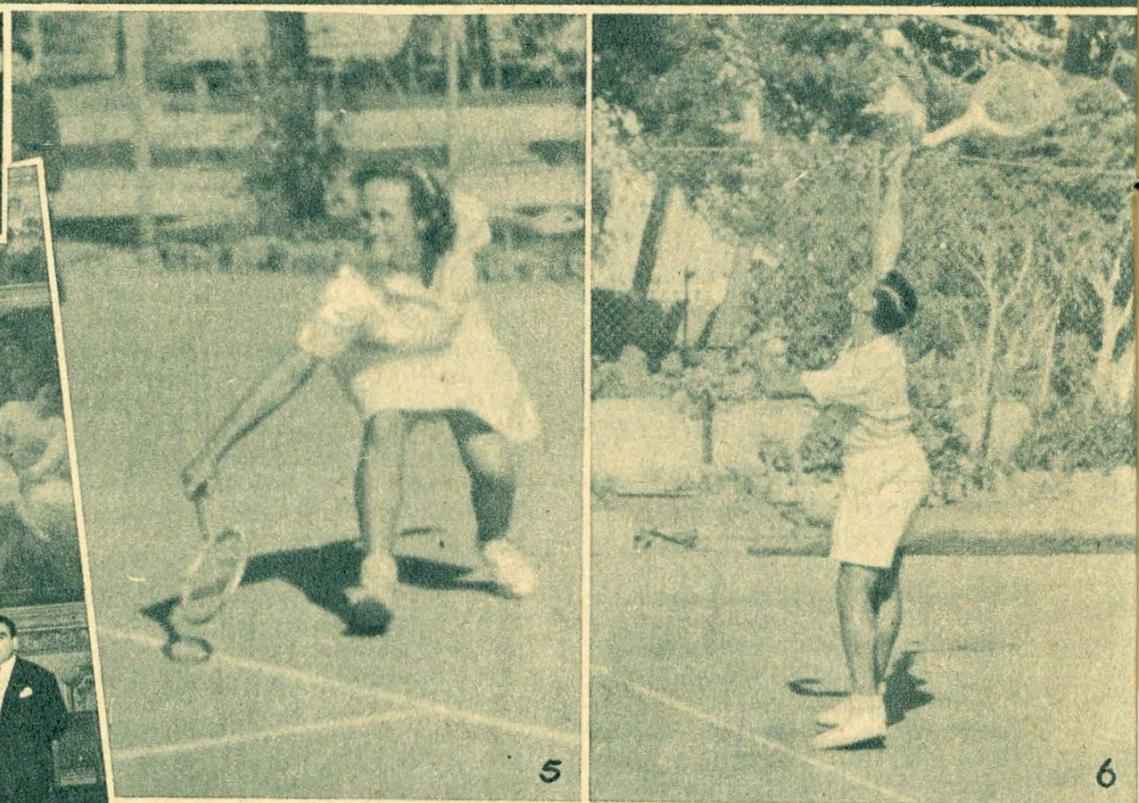
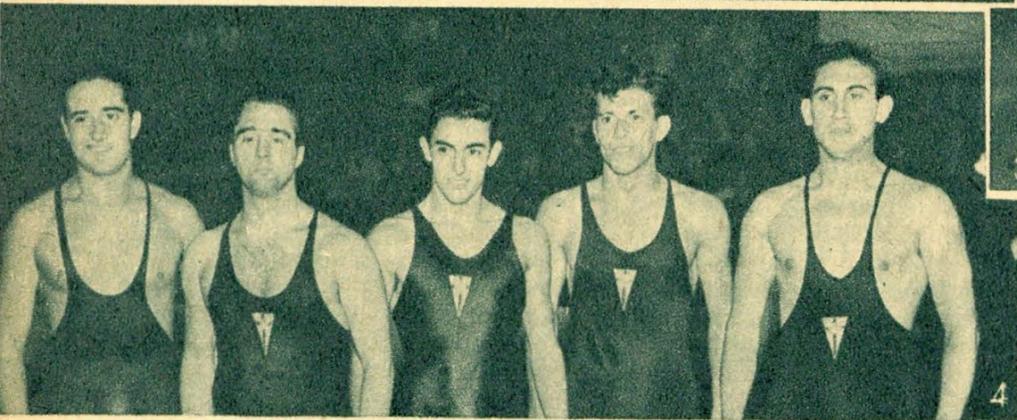
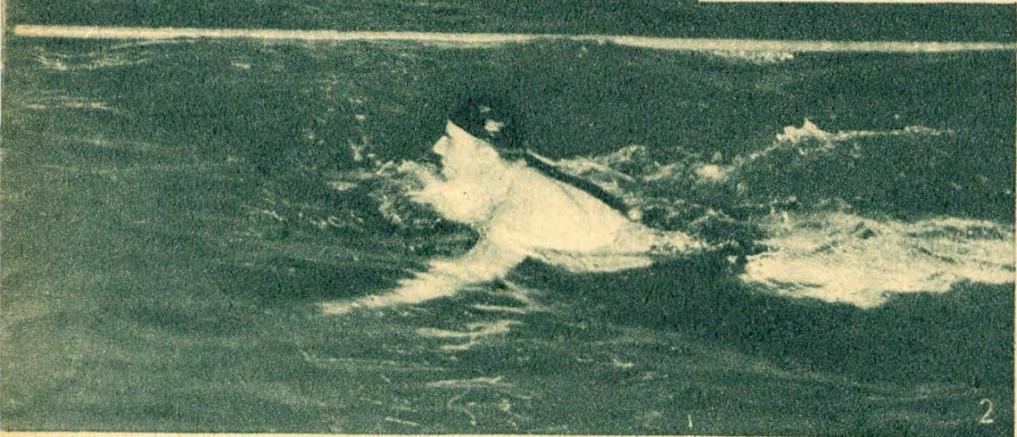
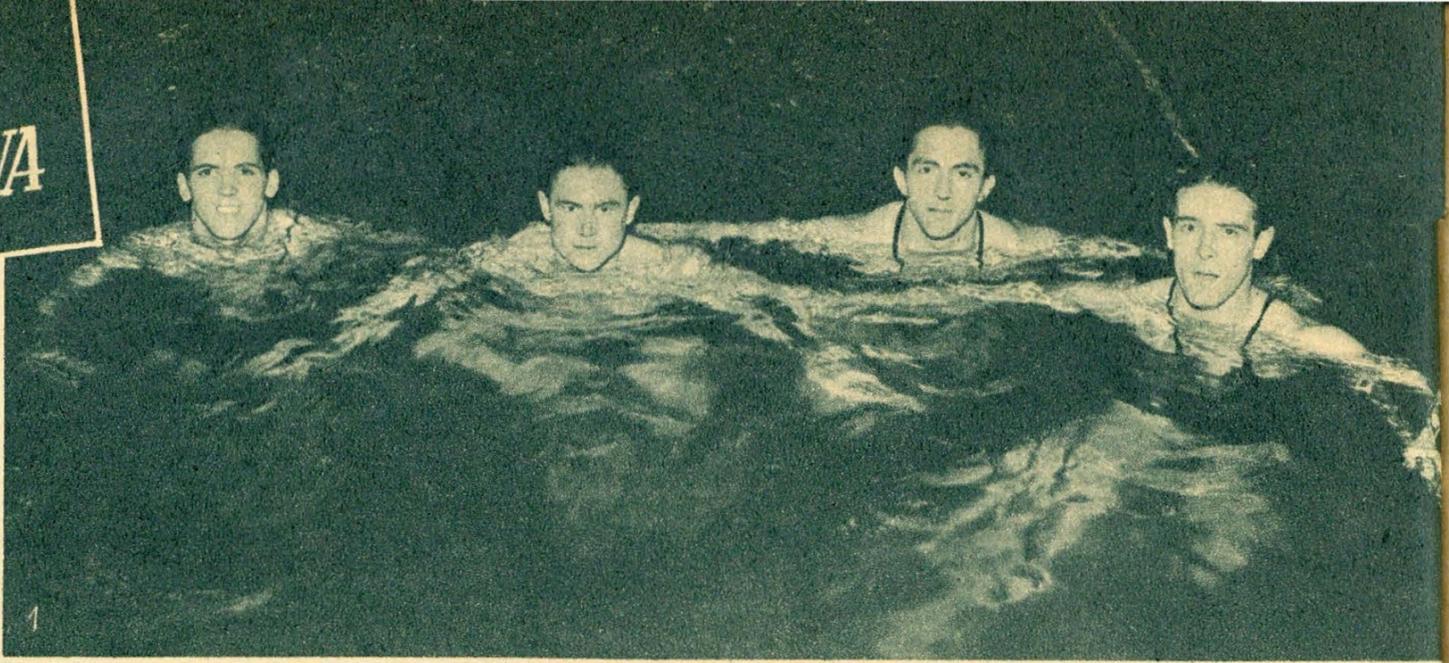
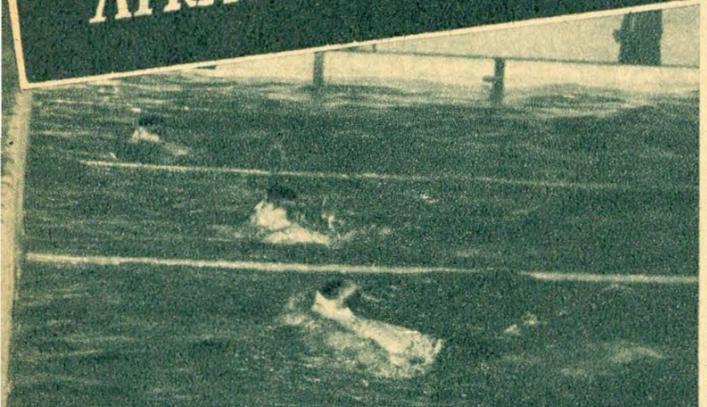
TROFA — O Boavista F. C. exhibiu-se nesta vila contra a equipa de «basketball» do Desportivo Trofense. O conjunto local ganhou por 40-27.

VALONGO — Causou grande contentamento nesta vila a vitória do ciclista Fernando Moreira, do F. C. do Pôrto, no recente campeonato nacional de velocidade. Fernando Moreira, que é natural de Valongo, goza aqui de muita popularidade, visto tratar-se de um rapaz ainda jovem e excelente desportista. Convém dizer, como nota elucidativa, que Fernando Moreira começou a sua carreira velocipédica no F. C. do Pôrto, o seu clube desde muito novo.

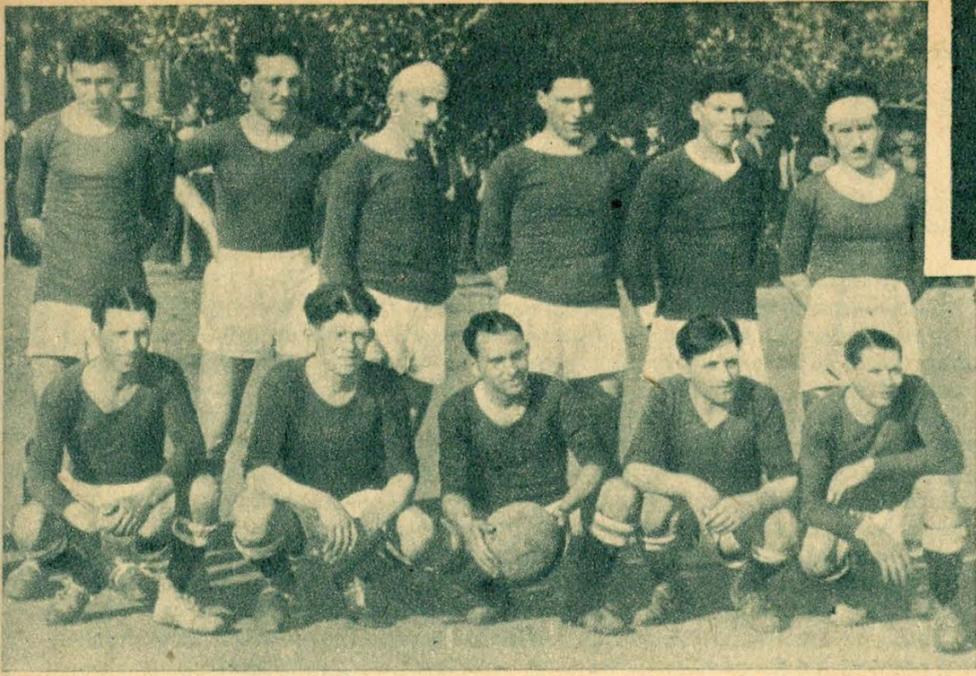
VILA REAL — Vai começar o campeonato regional, que este ano terá a concorrência dos grupos do Sport Clube de Vila Real, Operário F. C., Flavia Sport Clube e Clube Atlético Flaviense, Sport Clube da Regua e Sport Clube de Mirandela. A concorrência deste ano é extraordinária.

ASSINE A «STADIUM»

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



Imagens do Portugal-Espanha em Natação:
 1 - M. Simas, J. Simão, Baptista Pereira e Lopes Conceição, a equipa nacional vencedora da estafeta de 4x200; 2 - Aspecto da prova de 200 metros bruços na penúltima viragem; 3 - Os concorrentes aos 400 metros livres; 4 - A equipa A do Algés e Dafundo que venceu, nas provas complementares, a estafeta de 5x33.
Tennis - 5 e 6 - Peggy Brixhe e José Roqueta, figuras em relêvo no encontro Lisboa-Cascais.
O aniversário do Belenenses - 7 - Os atletas que receberam medalhas na sessão solene efectuada na Casa das Beiras; 8 - Armando Filipe, símbolo de dedicação, recebe a medalha de ouro do clube. **Em Sintra:** 9 - Os atletas internacionais e os de Sintra que participaram no festival realizado na linda vila.



Em cima: A equipa de futebol do Estrêla do Norte F. C., de Perosinho. À direita: O «conze» do Sport Lisboa e Luso; de pé, a partir da esquerda — O. Semedo, presidente do clube, C. Santos, Gerimal, Antero, Deniz, Angelo Peixoto e A. Pereira; em baixo: — Simões, Júlio, Leite, Santa, Adelino e D. Pereira, capitão e treinador



À esquerda: O grupo de honra do Sport Lisboa e Luanda, 3.ª filial e 1.ª em África do Sport Lisboa e Benfica. A fotografia que publicamos foi obtida após a sua vitória sobre o F. C. de Luanda, por 3-1, que lhe deu a posse da taça «Prof. Dr. Marcelo Caetano», a qual foi entregue pelo ilustre ministro das Colónias, que se dignou assistir ao encontro com o sr. governador geral da colónia. Os jogadores: de pé — Túlio Silva, Aurélio, M. Cruz, D. Rosas, V. Costa, Marcus e Pessoa, director; no 1.º plano — F. Castro, A. Galeão, C. Castro, I. Costa e Gouveia. O «team» é composto exclusivamente por europeus. O S. L. Luanda dedica-se também à prática de natação, «basketball», «volley», hockey em campo e em patins, etc.



Em cima: A equipa do Atlético Club «Os Canários», de Óbidos, que tem obtido resultados interessantes. À direita: em cima — O «team» de júniores do Clube Desportivo de Torres Novas; em baixo: — A equipa de futebol do Grupo Desportivo da Fábrica Coutinho & Filhos, de Barcelos



LEITORES: Envia-nos boas fotografias de acontecimentos desportivos de interesse para as vossas regiões. Publicá-las-amos com prazer. Os clubes desportivos podem também enviar-nos fotografias das suas equipas representativas nesta nova temporada de futebol e outros desportos de inverno.

EDUARDO LOPES

em bom retôrno de forma
ganhou a corrida do Livramento

SÃO sempre dignas de aplauso as iniciativas postas de pé, desinteressadamente, com o fim de movimentar o ciclismo de competição. É todavia necessário que o trabalho desenvolvido seja orientado tecnicamente por quem conheça os meandros da velocipedia, a fim de se evitar a repetição de provas como as organizadas no domingo, no Livramento.

Nunca deviam ter sido aprovados os regulamentos de uma corrida de semelhante quilometragem a disputar em percurso de piso tão mau e sinuoso. Compreendemos a boa vontade dos organizadores e até o sacrificio feito para promover semelhante prova. Mas as suas intenções falharam porque não houve quem os elucidasse que as corridas em circuito, muito longas, tornam-se monótonas; as desistências, neste caso, são freqüentes, e, no conjunto, o espectáculo perde sempre interesse.

Foi pena que tal sucedesse, atendendo à maneira como se lutou e ao brio demonstrado por alguns corredores. Se a prova tivesse apenas uns 70 quilómetros, belo espectáculo desportivo haveria que assinalar.

Eduardo Lopes, o vencedor incontestável da prova, voltou à liça em plena forma, pujante e combativo. Respondeu da melhor maneira aos ataques de Driss; perseguiu confiante para anular atrasos motivados por avarias — e no final venceu nitidamente.

Aristides Martins, embora menos brilhante que no Sobral e em dia de sorte, porque foi o único nos homens da frente que não «furo», classificou-se em segundo lugar depois de uma prova regular, à frente do pequeno Rocha. Este corredor, que reapareceu após um mês de inactividade forçada, teve um final de corrida excelente, sendo o mais combativo de todos.

Driss, que viu fugir-lhe o segundo lugar por motivo de «furo» no último quilómetro, mostrou-se fogoso, sobretudo quando tentou isolar-se — tentativa anulada por Lopes e Aristides — e a «recolar» após um primeiro «furo».

Pais Cabral, David Silva e Túlio, embora atrasados e acusando a «dureza» da competição, concluíram corajosamente, não movidos pelo interesse de prémios individuais, mas em cumprimento do dever de classificar a sua equipa.

Houve desistências justificadas, pois a alguns corredores esgotaram-se os «boyaux». Neste caso estão Albuquerque, Faisca, Quadros, este cedendo a própria bicicleta, José Ferreira e Guilherme Jacinto. Verificaram-se, no entanto, outros abandonos, como o de Jorge Pereira, que não se compreendem.

Podem as razões apresentadas servir-lhes de justificação. Desportivamente, porém, não podem ser aceites, muito menos quando se trata de atletas que têm deveres a cumprir para as colectividades que lhes pagam. Já aqui o temos dito e de novo o afirmamos.

Justa a vitória de José Jacinto em amadores, e boas provas de Manuel Espadinha e José Camelo.

De lastimar o desinteresse que os clubes estão a manifestar pela categoria de amadores. No domingo só a Iluminante apresentou equipa. Esquecer-se-ão as colectividades de que esta categoria é que fornece elementos para a classe de independentes?

GIL MOREIRA

A «II Prova Flecha»

está definitivamente marcada
para 21 e 22 de Outubro

VAI de novo disputar-se a «Prova de Iniciação Flecha», a original e proveitosa competição velocipédica que Stadium criou em 1944, com o fim de permitir a revelação de novos valores para o ciclismo.

Tal como no ano passado, a «Prova Flecha» será reservada a corredores iniciados inscritos na Federação de Ciclismo e a ciclistas que nunca tenham alinhado em provas oficiais. Estes últimos estradistas não podem, porém, ter mais de 25 anos à data da inscrição na prova.

São valiosos os prémios instituídos. Além de uma excelente bicicleta «Flecha», destinada ao primeiro da classificação geral, haverá outros prémios, tais como quadros, rodas e inúmeros acessórios, a conceder aos corredores classificados até ao décimo lugar.

O percurso da «Prova Flecha» deste ano é igual ao de 1944: Lisboa-Sintra, por Cascais, e Sintra-Lisboa, por Laurel e Caneças, para a primeira e segunda etapas; Lisboa-Tôrres, pela Malveira, e Tôres-Lisboa, pela estrada de Runa, para a terceira e quarta tiradas.

Tal como na corrida da época passada, haverá apenas classificações individuais, sendo os prémios que se destinam aos clubes — valiosas salvas — adjudicadas às colectividades a que pertencerem os quatro primeiros da classificação geral.

Como particularidade imposta com o fim de colocar todos os corredores em plano de igualdade, só serão admitidas nas provas deste ano bicicletas com rodas de pneus e câmaras. Assim, as máquinas dos corredores serão seladas, sendo obrigatória a afixação dos números chapa em tôdas as bicicletas.

A inscrição dos corredores, que é grátis, pode fazer-se desde já na Associação de Ciclismo do Sul.

Alberto Raposo

Homenagem à memória
dêste desditoso ciclista

Efectuou-se há dias, no cemitério do Lumiar, uma homenagem à campa de Alberto Raposo, desditoso ciclista, falecido no apogeu da sua promettedora carreira desportiva.

A romagem foi promovida pelo

DUAS NOTAS POR SEMANA

EM PORTUGAL

As competições internacionais luso-espanholas em allelismo e natação trouxeram animação única na história do desporto nacional.

Em ambas as competições, o êxito desportivo e de organização foi absoluto, demonstrando a evidência as possibilidades de outros desportos, além do futebol, para conseguirem o interesse e a simpatia da grande massa popular.

Encheu-se por completo o Estádio Náutico do Sport Algés e Dafundo, registou considerável enchente também o Estádio do Sporting Clube de Portugal — onde, como nos dias de mais acesa competição da bola, reboaram aclamações, vibrou o entusiasmo e perpassaram sucessivas vagas de emoção.

Pondo em foco as conseqüências e benefícios dêstes confrontos internacionais na propaganda — e também no progresso — das modalidades desportivas mais merilórias, é justo reconhecer a excelência de orientação que permitiu o desenvolvimento actual das nossas relações desportivas com a Espanha, graças às quais fomos encontrar a prova material de uma classe que se desconhecía em tantos desportos e que a popularidade do futebol afinal imerecidamente ofuscava: «handball», vela, remo, natação, allelismo.

Sirvam-nos de incentivo os êxitos alcançados, porque êles são sobretudo uma lição de trabalho, de persistência, de fé e de entusiasmo desinteressado, virtudes indispensáveis ao triunfo no campo do verdadeiro desporto.

NO ESTRANGEIRO

Depois do seu excelente comportamento na volta a Espanha, o corredor ciclista português João

Rebêlo conquistou no país vizinho certo prestígio, que se traduziu, depois do seu regresso, por diversos convites para participar noutras competições organizadas na nação vizinha.

Satisfazendo um seu pedido e levando em justa conta a classe e o brio demonstrados na precedente saída, as autoridades desportivas nacionais consentiram no seu retôrno a Espanha, para alinhar de novo num circuito por tiradas; foi julgado conveniente que o campeão português não agisse isolado e assim, parece, se condicionou a sua presença na prova à presença de um companheiro que, para o caso, foi o portuense Aniceto Bruno.

Rebêlo desiludiu por completo tôdas as esperanças, pois não teve, durante as sucessivas jornadas de corrida, um único rasgo que pudesse ser tomado como sinal de boa forma ou vontade de se realçar. Foi um elemento mediocre, sem o menor vislumbre de personalidade.

Finda a competição, causou surpresa que o ciclista português, depois de tão má prova, continuasse por terras espanholas negociando a sua actividade desportiva e voltasse a figurar entre os participantes da Volta à Catalunha, na qual está repetindo quasi a mesma acção. A estranheza foi maior porque haviam noticiado os jornais uma reclamação do seu clube junto da Federação de Ciclismo, para que esta entidade intervisse no sentido de impedir que Rebêlo continuasse ausente além do período correspondente à duração da corrida para que fôra autorizado a deslocar-se.

Que beneficios pode trazer para o ciclismo português esta permanência de Rebêlo em terras de Espanha? Não estará sendo demasiada a condescendência para com um homem que, parece, nem sempre tem presentes as suas responsabilidades?

BARREIRA DE SOL

Campo Pequeno, 19 de Setembro

POR motivos bem conhecidos, teve de ser dado em «toirada» nocturna o sensacional «mano-a-mano» Manolete-Arruza, há tempos aguardado pela «afición» lisboeta, que respondeu ao esforço da Empresa enchendo quasi literalmente o sol (aliás lua...) e cêrca de três quartos de sombra.

Lidaram-se quatro toiros de Pinto

Desportivo A Iluminante, o último clube que representou em competições velocipédicas, de cuja direcção esteve presente o sr. Raul Saraiva, além do sr. Artur Carvalho, da secção de ciclismo. Entre os seus companheiros de equipa compareceram Eduardo Lopes, Manuel Rocha e Guilherme Jacinto. Fizeram-se representar os srs. Amadeu Seabra e Alfredo Luis da Piedade, além da Stadium, pelo nosso redactor Gil Moreira.

Na campa foram dispostos alguns ramos de flores.

Barreiros e outros quatro do cavaleiro João Nuncio. Cumpriram melhor, embora sem grande brilho, os do primeiro, procedentes de uma ganadaria em que o nervo ainda não se apagou. Os toiros de Nuncio, de excelente apresentação, foram declaradamente mansos.

A Manolete locaram dois dos citados mansos de Nuncio, que o «maestro» se limitou a alinhar (porque outra coisa não era possível fazer nem se fez em qualquer época com toiros daquela classe) e um animal lidável, de Pinto Barreiros, recebido com verónicas cingidas até ao Inverosmil, magistrais de «temple» e mando, rematadas com aquelas meias-verónicas pelos dois lados que o cordovês levou a um grau de perfeição inconcebível. Com a muleta, Manolete desenrolou em vários tempos todo o seu repertório de toureiro enorme: passes estatutários, «molinetes», «manoletinas», soberbas mudanças de mão, etc., deixando aos «irredutíveis» o pretexto de lhe censurarem o «direitismo» da «faena».

Há resposta para tudo...

(Continuação da página 3)

P. 164 — Barrosa ou Moreira? (De Gilberto Manuel, de Avintes, Gaia).

R. 160 — Trata-se de comparações sempre difíceis, a que procuramos dar resposta que corresponda ao nosso pensamento. A este respeito, o nosso primeiro impulso é afirmar: Albano é melhor. Mas, vendo bem a questão, não há dúvida que, em certos aspectos do jogo, José Pedro consegue ser mais destro. São dois bons jogadores.

R. 161 — Eis outra pergunta aparentemente fácil e no fundo difícil. Arsénio tem progredido e A. Marques não cresce. O valor destes jogadores deve ser observado à luz desta premissa. Talvez Arsénio.

R. 162 — Jesus Correia é actualmente um dos jogadores portugueses de melhores perspectivas.

R. 163 — Ora aqui estão dois jogadores de bom tipo e escola. O do norte tem a superioridade do remate, mas o do sul leva vantagem no capítulo da ciência do jogo.

R. 164 — Dois jogadores de características diferentes; Barrosa, o do tipo atlético; Moreira, o do bom passe.

P. 165 — Onde se encontram e jogam actualmente Pedro Pireza e Anibal Paciência, do Sporting?

P. 166 — Que lugar é que o jogador do Académico de Viseu vai ocupar no Sporting?

P. 167 — Qual a idade de Manuel Marques e de Barrosa?

P. 168 — Qual dos pontas esquerdas que alinham na Primeira Divisão tem mais especialidade com o pé esquerdo? (De Um leão orgulhoso de Anços).

R. 165 — Pedro Pireza está no Luso Sporting Clube.

Paciência vive em Lisboa, está empregado no Grémio dos Armazenistas de Vinhos, mas já não joga a bola.

R. 166 — Também gostaria de saber...

R. 167 — Manuel Marques e Barrosa nasceram, respectivamente, a 1 de Agosto de 1917 e a 21 de Dezembro de 1919.

R. 168 — A especialidade de todos os pontas esquerdas é o pé esquerdo....

HIPISMO

(Continuação da página 2)

esta prova que os dois cavaleiros resolveram saltar várias vezes um obstáculo em altura, nam «extra-programa» que entusiasmou os milhares de pessoas presentes.

Para que se ajaize do interesse demonstrado pelo I Concurso Hípico de Ponta Delgada, basta dizer que um oficial inglês, o tenente-coronel Garnham, foi ali de avião para tomar parte na primeira prova — «Comando Militar dos Açores» — ganha pelo capitão Guedes da Silva no «Congro», e que reñia um numeroso grapo de concorrentes.

A nota mais curiosa deu-a D. Regina Arrada, uma gentil amazona que, no «Almoarol», triunfou na prova «Albano de Oliveira», colocando-se à frente de inúmeros cavaleiros civis, com um magnífico percurso sem faltas.

O programa findou com a prova «Governo Civil», disputada por parellhas, que os capitães José Carvalhosa e António Spinola venceram, no «Tete» e no «Almoarol», ambos com percursos limpos. Os dois oficiais mereceram bem os aplausos da assistência, porque além do brilho que imprimiram ao espectáculo com a sua valiosa cooperação, foram eles os verdadeiros organizadores do I Concurso Hípico de Ponta Delgada.

Do seu esforço e da sua força de vontade, mais uma vez postos ao serviço do desporto hípico em Portugal, aproveitou-se sob dois pontos de vista — o desportivo e o beneficente. — A. T.

J. E.

CURIOSIDADES...

Campeonatos de... berlinde

VULGAR é encontrar em qualquer local a garotada debater-se no jogo inofensivo do berlinde fazendo as mais inconcebíveis trejeições e complicados movimentos de dedos, no sentido de que não falhe a tacada que garanta desfecho satisfatório... quando não chega o abafador, que tudo leva — e nada deixa que não seja a saúde de certo berlinde, mais ou menos vstoso, ganho ao cabo de rijo pleito!

Em Portugal, se fôsse possível apresentar equipas de jogadores de berlinde que representassem o Benfica e o Sporting, talvez o jogo conseguisse ainda interessar algumas centenas de teimosos, sempre prontos a comparecerem nas pugnas de qualquer modalidade em que os dois rivais são postos frente a frente. Como não surgiu ainda organizador de tal torneio, o berlinde é tido como jogo infantil, sem importância de maior...

O mesmo não sucede nesse grande e belo país que é a América do Norte. Povo jovem, possuindo concepção muito diferente da vida e com condições magníficas de existência, dá largas ao seu espírito de inovação, com demonstrações que nos custam a aceitar.

O simples jogo de berlinde tem na América fervorosos praticantes e os seus campeonatos reúnem assistência numerosa e seletiva, com final disputada na Academia do Sport, a comprovar que a modalidade é ali acarinhada.

Mas não só os homens praticam o berlinde. O sexo chamado «fraco» também se apresenta em público, a compartilhar dos louros da vitória, dando ao dedo como os melhores berлиндistas...

Que nos diz o leitor a esta novidade? Considera-a blague? Para confirmação do que lhe dizemos, ainda há pouco vimos a fotografia do vencedor de um dos últimos campeonatos disputados na livre América, a escassos pontos do segundo classificado — uma mulher!

O 3.º aniversário do DIÁRIO POPULAR

Festejou no último sábado o 3.º aniversário o «Diário Popular», nosso prezado colega da tarde.

Apresentamos ao dinâmico vespertino cordiais felicitações, com os nossos votos sinceros de longa vida.

Um homem com a barba por fazer

Que feio! Tão pouco elegante! Diremos até: não agrada a ninguém e dá a impressão de pouco afeito. Mas quantas vezes o motivo é a pele, que não admite a lamina senão de dias a dias: um martírio!

Pois bem: faça a barba e aplique Glycol — o ideal da pele — só Glycol, e verá como obtém resultados maravilhosos e pode barbear-se todos os dias.

A venda nas principais casas da especialidade e boas farmácias.

Depositários gerais: Ventura d'Almeida & Pena, rua do Guarda-Mór 20, 3.º esq. (a Santos), Lisboa.

Enviamos amostras contra 4\$50 em selos do correio, nome e morada.

Natação

(Continuação da página 7)

Angel Seusa e Ferry — que deram tudo por tudo em esforço, mas não puderam superar a brilhantíssima prova dos portugueses.

Jeremias Simão, prevendo que não poderia bater o forte adversário que lhe coube — Manolo Martinez — defendeu-se bem e «colou-se» de forma impressionante. O espanhol não deu uma braçada sem a «companhia» do nosso jovem representante. Depois, a luta coube a Lopes da Conceição e Olo. Houve períodos de vantagem intermitente entre os dois, mas o português foi magnífico na sua fuga decisiva, após os 133 metros, agüentando bem a diferença conseguida. Baptista Pereira, dispendo desta vantagem, quis defendê-la à «outrance», mas Angel Sensa, muito veloz, conseguiu aproximar-se do alhandrense aos 100 metros — e Mário Simas só beneficiou de um escasso metro... Foi então a luta final, verdadeiramente titânica. Ferry, voluntarioso e decidido, moveu a Simas uma perseguição constante e perigosa, que o nosso campeão, chamando a si todas as suas extraordinárias faculdades, anulou superiormente, de forma impressionante, até ao arranque admirável, no último percurso, a meia piscina, para a vitória!

Batera-se o «record» de Portugal por 18 s. e 5/10!!!

Acabou assim, sob uma tempestade interminável de aplausos e aclamações, que se prolongaram por largo tempo, o III Portugal-Espanha de natação.

Nesta segunda jornada voltaram a disputar-se provas complementares, entre nadadores do Algés e Dafundo e Estoril Praia.

O programa encerrou-se com uma exibição de «water-polo», sem interesse.

FERNANDO SA

AMADEU SEABRA

Passou há dias o aniversário natalício do nosso querido amigo sr. Amadeu Seabra, sócio-gerente da Sociedade de Revistas Gráficas, proprietária da Stadium, e da firma Maria Benedita Seabra Bernardo & C.ª (Iluminante).

Aquêlê nosso estimado amigo foi objecto de uma significativa homenagem de todo o seu pessoal, tendo uma delegação do mesmo ido a Meruge, onde se encontra a descansar, com o fim de lhe transmitir.

Todos os que nesta casa trabalham a ela se associam também, com um apertado abraço de felicitações e os melhores votos de felicidades.

Ano III — II Série — N.º 147
Lisboa, 26 de Setembro de 1945

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor:
Dr. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

Redacção e Administração

T. Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Execução gráfica de
NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

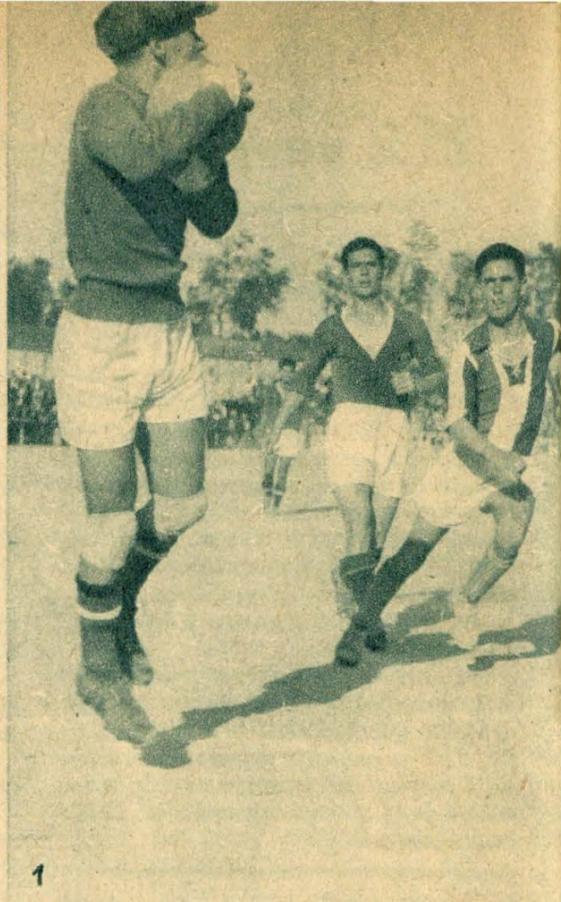
VISADO PELA COMISSÃO CENSURA

Stadium

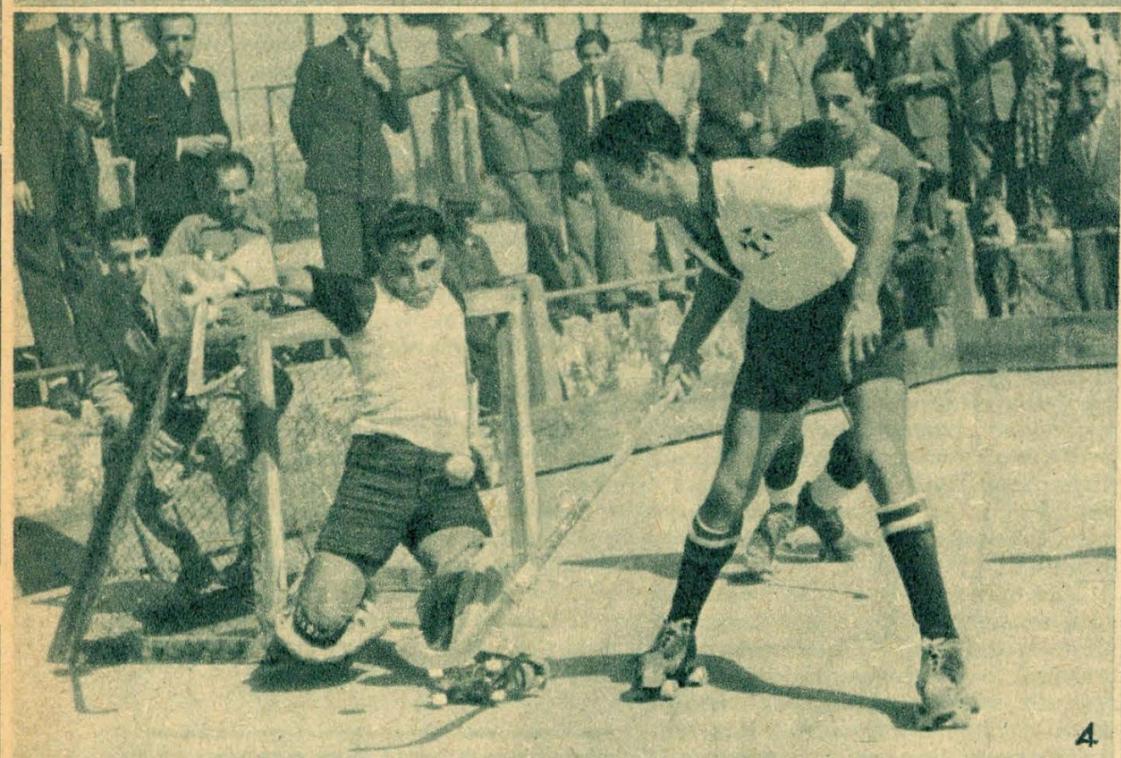
NO PORTO



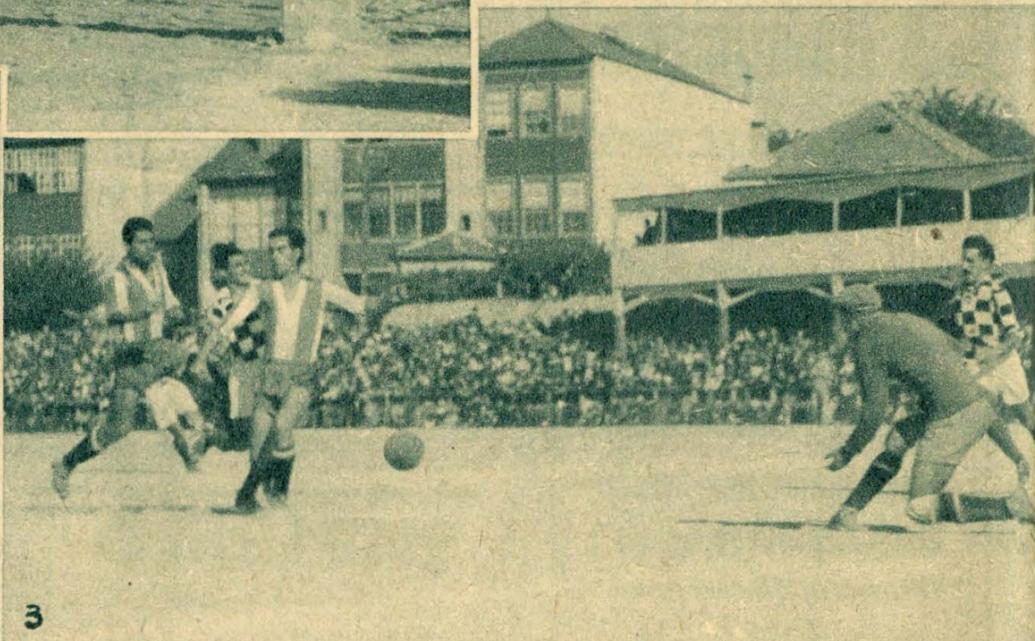
2



1



4



3



6



5



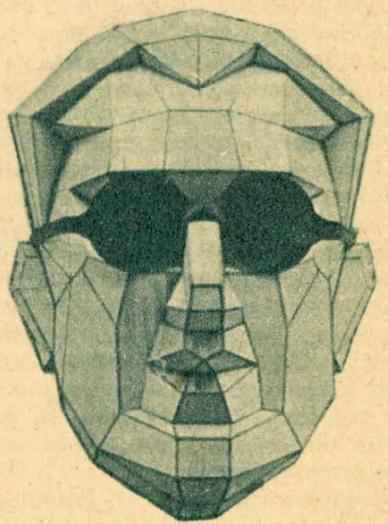
FUTEBOL — Começamos o campeonato Di trial: No jogo Salgueiros-Ramaldense, o «keeper» do primeiro executa uma defesa segura; 2 — No encontro F. C. Porto-Boavista, o jovem Szabo consente o 2.º ponto do Boavista; 3 — No mesmo desafio, Armando remata sem êxito.

HOCKEY EM PATINS: 4 — Encontro I. Sagres-Académico — fase junto das redes do segundo.

ATLETISMO: 5 — Os concorrentes às provas do aniversário do Vasco da Gama. A' direita, o nosso prezado camarada Alves Teixeira, grande animador da colectividade.

PALESTRAS DESPORTIVAS: 6 — Na sessão inaugural do ciclo de palestras desportivas, efectuadas no Boavista F. C., e obra do distinto dirigente sr. F. Maurício Moreira.

CICLISMO: 7 — Os novos dirigentes do ciclismo nortenho.



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1865
Depositária das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão

136, RUA DA PRATA, 140
Telefone 22829 LISBOA